

**cetep  
sepes**

**línguas  
em contato  
interferência na  
aprendizagem  
da escrita**

PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
Ernesto Geisel

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
Euro Brandão

PRESIDENTE DO MOBRL  
Arlindo Lopes Corrêa

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MOBRL  
Sérgio Marinho Barbosa

SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO DO MOBRL  
Odalêa Cleide Alves Ramos

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC  
FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO - MOBRAL  
CENTRO DE TREINAMENTO PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO - CETEP

MOBRAL BIBLIOTECA

LÍNGUAS EM CONTATO  
INTERFERÊNCIA NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA

MARIA TASCA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em "Linguística Aplicada", sob a orientação de Irmão Elvo Clemente, em novembro de 1977, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Instituto de Letras e Artes.

A realização desta pesquisa foi financiada pela Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL

## Apresentação

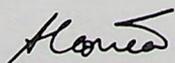
A problemática de como tornar mais eficiente o ensino-aprendizagem do código escrito para populações adultas das fronteiras do Brasil com os países de fala espanhola, põe a descoberto uma série de problemas específicos, de natureza sociolingüística e pedagógica.

Se já constitui um desafio a alfabetização de adultos monolíngues, uma vez que o grau ideal de domínio do código alfabético dificilmente é atingível enquanto não se desenvolverem metodologias adequadas que correlacionem os sistemas fônico e escrito de um idioma, o problema se torna mais complexo quando nos defrontamos com interferências fônicas resultantes do contacto de línguas.

A dissertação *Línguas em Contacto*, financiada pelo MOBREAL, procura exatamente caracterizar a população analfabeta de um município da fronteira entre Rio Grande do Sul e Uruguai, com vistas a detectar as possíveis interferências da língua espanhola na aprendizagem da escrita de nossa língua.

Utilizando a mesma metodologia e os mesmos instrumentos formulados por outro projeto anteriormente financiado publicado e divulgado pelo MOBREAL (*INTERFERÊNCIA DE UMA SEGUNDA LÍNGUA NA APRENDIZAGEM DA ESCRITA*), além de garantir continuidade numa linha de trabalhos empíricos relevantes para os objetivos desta Instituição, a autora pôde comparar o desempenho dos mobrealenses da Fronteira com os bilíngues de outras áreas dialetológicas do Rio Grande do Sul.

Estamos certos de ter contribuído para o cumprimento das tarefas da Lingüística Aplicada à Alfabetização e para o estudo de línguas em contacto, campo de estudos praticamente inexplorado em nosso país.



Arlindo Lopes Correa  
Presidente do MOBREAL

A ênfase dada ao estudo da linguagem humana tornou-se uma constante nas sociedades civilizadas. Com efeito, a preocupação com os sinais que servem para expressar o pensamento, sejam eles sonoros ou escritos, deu origem a uma literatura considerável.

Não obstante, constatou-se, a partir da revisão bibliográfica, que existem, ainda, áreas inexploradas à espera de investigadores.

O presente estudo, visando, mais especificamente, a aspectos ortográficos da língua materna, nasceu da curiosidade de saber que consequências traria, para a aprendizagem da escrita, a situação de contato entre dois sistemas linguísticos. Importa salientar que o fator preponderante a determinar a escolha do tema foi o conhecimento da pesquisa *Interferência de uma segunda língua na aprendizagem da escrita*, realizada por Bisol et alii em 1975, a qual serviu de ponto de referência para o presente trabalho.

Considerando, por um lado, que o estudo dos contatos de línguas e das interferências entre elas continua a ter atualidade, e, levando em conta, por outro, que os dois sistemas são o Português e o Espanhol, esta pesquisa propôs-se investigar se tais contatos teriam alguma influência na aprendizagem da escrita em falantes cuja língua materna é o Português.

Entretanto, este trabalho não tem a pretensão de dar uma resposta definitiva às dúvidas relacionadas ao assunto; antes, visou a explorar um campo relativamente pouco estudado,

oferecendo, a partir dos resultados obtidos, algumas apreciações que poderão interessar àqueles que se dedicam ao estudo e/ou ao ensino da Língua Portuguesa.

É mister ressaltar, ainda, que a concretização deste estudo se deveu ao esforço de muitas pessoas. A todas elas, na impossibilidade de nomeá-las individualmente, a autora gostaria de expressar sua profunda gratidão.

Tendo em vista, porém, que alguns desses colaboradores tiveram uma participação mais direta na elaboração do trabalho, importa distingui-los. Por isso, a autora formula um agradecimento especial às seguintes pessoas ou instituições:

ao Centro de Treinamento, Pesquisa e Documentação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), na pessoa de sua Superintendente, Rosa Duran Stepanenko, pelo suporte financeiro parcial que facilitou a realização da pesquisa;

à professora Teresinha Wiggers de Almeida, pela efetiva atenção dispensada ao trabalho, desde os primeiros contatos com o MOBRAL, até a conclusão do mesmo;

à Coordenadoria Estadual do MOBRAL/RS, na pessoa da professora Colorinda Emilia Sordi, pelas valiosas informações prestadas na fase inicial do trabalho, permitindo, outrossim, a coleta de dados em classes da rede estadual;

à Coordenação do MOBRAL do município de Sant'Ana do Livramento, na pessoa da professora Neiva da Fontoura Silveira, pela prestimosa colaboração que ofereceu na etapa de coleta de dados;

às professoras dos diferentes postos em que são ministradas aulas do MOBRAL no município de Sant'Ana do Livramento, em especial à professora Maria Emília de Castro, pela disponibilidade em cederem suas classes para a aplicação do instrumento;

à Coordenação e professores do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras da PUC, pelo incentivo e interesse

manifestados durante o Curso.

ã professora Lyris Wiedemann, pela generosa participação na fase inicial da pesquisa, encorajando, sobremaneira, a realização da mesma;

ã professora Leda Bisol, pela preocupação e apoio incansáveis, e, sobretudo pelas sugestões oferecidas na fase de classificação dos dados;

aos professores Dr. Fernando José da Rocha e Leonel Correa Karan pelas sugestões concernentes à elaboração metodológica;

ao professor Gilberto Scarton, pelas valiosas oportunidades de troca de idéias na fase de discussão dos dados;

ã professora Lia Lourdes Marquardt pelas preciosas contribuições referentes ao aspecto formal do trabalho e pelas sugestões bibliográficas fornecidas;

ã professora Carmen Silvia Canarim e à acadêmica Clarice da Costa Trindade, pela responsabilidade com que se empenharam, na qualidade de auxiliares, na tarefa de tabulação dos resultados;

ã acadêmica Ana Judite Tasca, auxiliar de datilografia, pelo carinho com que acompanhou o desenvolvimento das diferentes etapas do trabalho;

e, finalmente, a autora gostaria de expressar a maior gratidão àquela pessoa que mais se envolveu na execução desta pesquisa, à pessoa de seu orientador, Dr. Irmão Elvo Clemente, que, com interesse e participação constantes, viu crescer este trabalho, estimulando, em todos os momentos, a concretização do mesmo.

A quem de direito, pelo carinho e compreensão feitos presença na jornada deste labor, reserva-se a dádiva dos frutos colhidos.

---

LISTA DE SINAIS UTILIZADOS .....	13
LISTA DE TABELAS .....	15
LISTA DE ANEXOS .....	17
RESUMO .....	19
ABSTRACT .....	21
I. INTRODUÇÃO .....	23
A. Introdução geral .....	23
B. Revisão da literatura .....	27
1. Considerações iniciais .....	27
2. Bilinguismo e diglossia .....	28
a. Bilinguismo .....	28
b. Diglossia .....	29
3. Línguas em contato e interferência .....	30
a. Línguas em contato .....	30
b. Interferência .....	32
4. Expressão escrita .....	35
a. Aspectos históricos .....	35
b. Aquisição do código escrito .....	36
c. Dificuldades específicas .....	39
C. Objetivos .....	45
D. Definição operacional das variáveis .....	47
1. Variável independente .....	47
2. Variável dependente .....	47
E. Limitações e relevâncias do presente trabalho ....	51
II. MÉTODO .....	53
A. Escala de nível ortográfico .....	55
1. Seleção dos sujeitos .....	55
2. Construção da escala .....	55

a.	Primeira seleção de vocábulos .....	55
b.	Segunda seleção de vocábulos .....	55
3.	Aplicação da escala .....	56
a.	Aplicadores .....	56
b.	Material .....	56
c.	Condições de aplicação .....	56
4.	Correção da escala .....	57
5.	Método de análise estatística .....	57
B.	Metodologia do presente trabalho .....	59
1.	Seleção dos sujeitos .....	59
a.	População - alvo .....	59
b.	Critérios de amostragem .....	59
c.	Amostra .....	60
2.	Construção do instrumento .....	60
3.	Aplicação do instrumento .....	60
4.	Correção .....	61
5.	Método de análise estatística .....	62
III.	RESULTADOS .....	63
A.	Resultados gerais .....	65
1.	Palavras escritas .....	65
2.	Palavras omitidas .....	67
3.	Palavras erradas .....	71
B.	Erros de apagamento .....	75
C.	Erros de acréscimo .....	85
1.	Apoio vocálico .....	85
2.	Formação de ditongo .....	86
3.	Nasalação ditongada .....	87
4.	Nasalação progressiva .....	88
5.	Epêntese da nasal .....	89
6.	Reduplicação regressiva e progressiva de consoantes .....	90
7.	Reduplicação de vogal .....	90
8.	Reduplicação de consoante (geminção) .....	91
9.	Acréscimo de líquida .....	91
10.	Desmembramento de encontro vocálico .....	92
11.	Formação de grupo consonantal .....	93
12.	Reforço da lateral .....	94
13.	Reforço da palatal .....	94
14.	Acréscimo silábico .....	95
15.	Acréscimo da letra "H" .....	95

D.	Erros de permuta .....	97
	1. Sonorização .....	97
	2. Palatalização .....	100
	3. Vibrante .....	104
	4. Bilabialidade .....	108
	5. Lateralidade .....	110
	6. Modo de articulação .....	113
	7. Mudança de estrutura silábica .....	117
	8. Vogais finais .....	118
	9. Vogal nasal .....	120
	10. Assimilação vocálica .....	121
	11. Letras multivalentes .....	125
	12. Troca visual .....	126
	13. Ambígua .....	132
IV.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	135
	A. Resultados gerais .....	135
	B. Resultados específicos .....	141
	1. Erros de apagamento .....	141
	2. Erros de acréscimo .....	145
	3. Erros de permuta .....	152
V.	CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	169
	A. Conclusões .....	169
	B. Considerações Finais .....	175
VI.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	179
VII.	ANEXOS .....	183

## LISTA DOS SINAIS UTILIZADOS

---

- - convenção que indica que a unidade que está à esquerda da seta sofrerá alterações que vão expressas à direita.
- { } - (chaves) indicam escolhas possíveis de elementos.
- V - Vogal
- C - Consoante
- EB - Estudo Base: refere-se à pesquisa realizada por Bisol et alii (1975).
- P - Português
- E - Espanhol
- N - símbolo que representa o elemento consonântico nasal pós-vocálico
- // - convenção utilizada para designar os fonemas.
- [ ] - convenção utilizada para designar as unidades fonéticas.

LISTA DAS TABELAS

---

TABELA 1	- Percentuais de sujeitos que escreveram cada palavra em relação às oferecidas no ditado ...	65
TABELA 2	- Percentuais das letras contidas nas palavras que deixaram de ser escritas pelos sujeitos em relação aos totais oferecidos pelo ditado ....	67
TABELA 3	- Percentuais dos sujeitos que erraram cada palavra em relação às palavras escritas .....	71
TABELA 4	- Percentuais de apagamentos de letras nas diferentes posições em relação aos totais das palavras escritas .....	75
TABELA 5	- Percentuais dos apagamentos de cada letra oferecida pelo ditado em relação às palavras escritas .....	79
TABELA 6	- Percentuais de acréscimos como apoio vocálico .....	85
TABELA 7	- Percentuais de acréscimos com formação de ditongo oral .....	86
TABELA 8	- Percentuais de acréscimos com nasalação ditongada .....	87
TABELA 9	- Percentuais de acréscimos com nasalação progressiva .....	88
TABELA 10	- Percentuais de acréscimos com epêntese de nasal .....	89
TABELA 11	- Percentuais de acréscimos com reduplicação regressiva e progressiva de consoantes .....	90

TABELA 12 - Percentuais de acréscimos com reduplicação de vogal .....	90
TABELA 13 - Percentuais de acréscimos com reduplicação de consoante .....	91
TABELA 14 - Percentuais de acréscimo de líquida .....	91
TABELA 15 - Percentuais de acréscimos com desmembramento de encontro vocálico .....	92
TABELA 16 - Percentuais de acréscimo com formação de grupo consonantal .....	93
TABELA 17 - Percentuais de acréscimo com reforço da lateral .....	94
TABELA 18 - Percentuais de acréscimos com reforço da palatal .....	94
TABELA 19 - Percentuais de acréscimo silábico .....	95
TABELA 20 - Percentuais de acréscimo da letra "H" .....	95
TABELA 21 - Percentuais das permutas de sonorização .....	97
TABELA 22 - Percentuais das permutas de palatalização ....	100
TABELA 23 - Percentuais das permutas de vibrante .....	104
TABELA 24 - Percentuais das permutas de bilabialidade ....	108
TABELA 25 - Percentuais das permutas de lateralidade .....	110
TABELA 26 - Percentuais das permutas do modo de articulação	113
TABELA 27 - Percentuais das permutas de mudança de estrutura silábica .....	117
TABELA 28 - Percentuais das permutas de vogais finais ....	118
TABELA 29 - Percentuais das permutas de vogal nasal .....	120
TABELA 30 - Percentuais das permutas de assimilação vocálica .....	121
TABELA 31 - Percentuais das permutas de letras multivalentes .....	125
TABELA 32 - Percentuais das permutas de trocas visuais ...	126
TABELA 33 - Percentuais das permutas de ambígua .....	132

LISTA DOS ANEXOS

---

ANEXO I	-	Dados de identificação .....	185
ANEXO II	-	Instruções fornecidas aos aplicadores da escala ortográfica .....	189
ANEXO III	-	Instrumento aplicado à amostra .....	191
ANEXO IV	-	Ocorrência de vogais e consoantes no ditado em relação às suas posições .....	192
ANEXO V	-	Instruções orais para os sujeitos .....	194
ANEXO VI	-	Ocorrências de trocas de palavras .....	195

Este estudo, de caráter descritivo, teve como finalidade verificar se o contato entre duas línguas, no caso, Português e Espanhol, teria repercussões na aprendizagem da escrita, sendo sujeitos da amostra 95 alunos de ambos os sexos, adultos, em fase de escolarização, pertencentes à cidade fronteira de Sant'Ana do Livramento/RS. O instrumento aplicado consistiu num ditado de sessenta palavras isoladas, constantes no nível mais baixo da escala ortográfica, construída e testada por Bisol et alii (1975, p. 15-20), com base na *Escala de Ortografia espanhola para la escuela primária* de Villarejo (apud Garcia, 1960, p. 63-9).

Os dados obtidos permitiram que se classificassem os erros em três categorias: apagamento, acréscimo e permuta. A discussão dos resultados evidenciou, em termos gerais, dificuldades que parecem estar relacionadas a dois aspectos: em primeiro lugar, a maior parte dos erros cometidos poderia ter uma explicação na complexidade ortográfico-fonológica da língua materna; em segundo lugar, a menor porção de erros poderia ser atribuída a problemas de interferência de uma segunda língua. Julgou-se que o baixo índice de interferências seria devido ao fato de serem os sujeitos da amostra bilíngües passivos.

Além de se oferecer um confronto destes resultados com os de outras regiões dialetológicas, são feitas sugestões com vistas a futuras pesquisas que envolvam fatores de interferência.

The aim of this descriptive study was to verify if the contact between two languages, in this case Portuguese and Spanish, would have any influence on the learning of writing. The sample consisted of 95 adult students of both sexes who were learning how to read and write. They were all from the border town of Sant'Ana do Livramento/RS. The instrument used was a dictation of sixty isolated words standing in the lowest level of the orthographic scale built and tested by Bisol et alii (1975, p. 15-20), based on the *Escala de Ortografía española para la escuela primaria* from Villarejo (apud Garcia, 1960, p. 63-9).

The data allowed the classification of mistakes in three categories: deletion, addition and permutation. The discussion of the results showed in general difficulties which seem to be related to two aspects: first, the major part of the mistakes could have an explanation in the orthographic-phonological relation of the native language; second, other mistakes could be attributed to problems of interference of a second language. The low index of interferences could be attributed to the fact that the subjects of the sample were passive bilinguals.

Resides offering a comparison of these results with others from different dialectological regions, suggestions are made concerning future research involving interference factors.

A - INTRODUÇÃO GERAL

A linguagem humana tornou-se, nos dias atuais, assunto obrigatório nas áreas mais diversas do conhecimento. Não será exagero afirmar que existe, atualmente, uma curiosidade ilimitada com relação a problemas de linguagem. Procurando compreendê-la, cada um sob seu prisma cultural, os estudiosos tentam alcançá-la de alguma forma, em alguma dimensão, a fim de defini-la ou descrevê-la.

Para o filósofo (Heiddeger, 1967, p. 22,55), o único meio de atingir o Ser é através da linguagem, pois é nela que o homem estabelece sua morada.

Paralelamente aos enfoques filosóficos que, em especial nos últimos séculos, fizeram da linguagem seu objeto privilegiado de estudo, observa-se uma preocupação crescente, no campo das ciências, sobretudo após a I Grande Guerra, no sentido de fazer da linguagem um tema de reflexão constante.

A relevância do estudo da linguagem pode ser também mensurada pelo destaque que têm merecido, nas últimas décadas, ciências como a Semiologia, a Informática e a Linguística.

O lingüista, segundo Hjelmslev (1975, p. 185), percebeu na linguagem "sequências de sons e de movimentos expressivos, suscetíveis de uma descrição exata, física e fisiológica, e cuja disposição forma signos que traduzem os fatos da consciência".

Incontestável elemento caracterizador do homem ou seu recurso em todas as circunstâncias (Chomsky, 1972, p. 13-42), a linguagem é, por conseguinte, razão suficiente para que estudiosos e pesquisadores procurem, científica e pacientemente, compreender sua função social de significação e comunicação, bem como suas implicações na vida dos indivíduos.

Considerando, no entanto, o caráter polissêmico que qualifica o termo "linguagem" convém ressaltar que, aqui, o vocábulo diz respeito à linguagem verbal que, segundo Schaff (1968, p.306-15), é a linguagem por excelência, encontrada na base de todos os outros sistemas de comunicação nas sociedades civilizadas.

Não obstante ser ponto pacífico, entre os estudiosos da atualidade, o reconhecimento do papel primacial da oralidade da língua em relação à representação gráfica da mesma, há sérias razões para se envidar esforços na realização de pesquisas que tenham como meta o aprimoramento do sistema escrito, tendo em vista que a grafia relaciona-se intimamente com a fala.

Apesar dos numerosos trabalhos realizados no âmbito da expressão escrita, a revisão da literatura evidenciou que existe um vasto campo a ser explorado em termos de pesquisa lingüística, a fim de propor uma teoria mais satisfatória a respeito da língua escrita.

No Brasil, mormente no Rio Grande do Sul, como um desafio aos pesquisadores, observam-se diversas regiões em que se registram fenômenos de bilingüismo, diglossia e línguas em contato, aguardando possíveis estudos.

No que tange às línguas em contato, fator que interessa sobremaneira a este estudo, a pesquisa bibliográfica revelou que existe uma preocupação procedente de parte de alguns estudiosos (Bunse, 1969; Rodrigues, 1966; Vandresen, 1973; entre outros), relativamente à necessidade de incrementar estudos de cunho científico, a fim de se verificar em que proporções o contato Português/Espanhol repercutiria no comportamento lingüístico dos falantes.

O presente estudo pretende ser, de certa forma, modesta contribuição, no sentido de ampliar os conhecimentos lingüísticos no que concerne aos referidos contatos e sua possível interferência na aprendizagem da escrita em adultos em fase de escolarização tardia.

## B - REVISÃO DA LITERATURA

### 1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na atualidade dos estudos lingüísticos, com o advento da psico-sociolingüística, observa-se um interesse cada vez maior no sentido de descobrir e descrever as variações de uso da língua, bem como analisar o comportamento humano em relação a mesma.

O estudo das variações lingüísticas não se restringe às sociedades plurilíngües, uma vez que, mesmo nas comunidades monolíngües, o repertório lingüístico pode ser constituído de variedades de classes sociais, regionais, ocupacionais ou outras (Fishman, in Fonseca & Neves, 1974, p. 24-30).

Essas variações podem ser encontradas nos diferentes níveis da estrutura lingüística, podendo estar correlacionadas a diversos fatores extralingüísticos como: localização geográfica (de um lugar para outro), identidade das pessoas (ouvinte/falante), contexto social (formal/informal), apenas para citar alguns (Bright, in Fonseca & Neves, 1974, p. 41-2).

Alguns lingüistas, entre eles Ferguson (in Fonseca & Neves, 1974, p. 90) chamaram "diglossia" à situação caracterizada por Martinet (1970, p. 152) em que indivíduos são suscetíveis de utilizar diferentes modalidades lingüísticas, ou seja, de acordo com as circunstâncias, valem-se de uma linguagem mais familiar, coloquial ou, então, uma modalidade mais culta, de maior prestígio social.

O uso da modalidade considerada culta (formal) ou o uso da linguagem informal é um fenômeno que não só ocorre entre falantes de uma mesma língua, senão entre falantes de línguas distintas, isto é, bilíngües pertencentes a uma mesma sociedade (Siguan, 1976: 29-30). Todavia, segundo o mesmo autor, não se poderá confundir diglossia com bilingüismo.

## 2 - BILINGUISMO E DIGLOSSIA

### a - Bilinguismo

Segundo Maia (1977, p. 84-5), somente após estudos aprofundados da concepção das línguas como estruturas é que se procurou saber o que acontece quando dois ou mais sistemas lingüísticos entram em contato, através do bilinguismo dos falantes. Afirma a autora supracitada que o bilinguismo é assunto de especial interesse para a Lingüística, pois ele é a condição indispensável para o fenômeno da interferência e um dos principais fatores da mudança lingüística. Conseqüentemente, importa explicar em que consiste o bilinguismo.

Weinreich (1954, in Saporta, 1961, p. 376) chama de "bilinguismo" à prática de determinados indivíduos alternarem o uso de duas línguas. Em outros termos, é aquela situação em que dois idiomas convivem no mesmo indivíduo. As pessoas que realizam esse processo são chamadas "bilíngües". O ponto de vista desse autor será retomado no item 3, quando se abordará o aspecto "línguas em contato".

Segundo Halliday et alii (1974, p. 101), haverá bilinguismo sempre que o falante nativo de uma língua (língua A) utilizar um segundo sistema lingüístico (língua B), embora nem sempre de maneira perfeita, pois há uma gradação que vai desde o indivíduo completamente monolíngüe, passando por bilíngües que usam em graus variáveis uma segunda língua, até os que dominam e utilizam adequadamente os dois sistemas (língua A e língua B); os últimos são considerados "ambilíngües".

Para Jucquois (informação verbal), não existe biblinguismo no sentido de igualdade na mesma pessoa, principalmente se as línguas em questão forem muito diferentes, tornando-se impossível para o indivíduo uma síntese normal dos elementos psico-sócio-culturais concernentes aos dois sistemas em contato.

Aos possíveis graus de domínio mais ou menos perfeito de uma

segunda língua poder-se-ia designar, segundo Maia (1977, p. 86-7) "bilinguismo ativo", em oposição ao chamado "bilinguismo passivo", que, na opinião da autora, abrange aquelas situações em que os falantes, além da língua materna são capazes de compreender uma segunda língua, sem contudo poderem usá-la. Todavia, a própria autora conclui que, em relação à segunda modalidade de bilinguismo, as opiniões entre os autores são bastante divergentes. Alguns desses autores julgam que o bilinguismo passivo perfeito é uma ilusão, pois quando um falante compreende uma segunda língua, ele pode, pelo menos em parte, reproduzir o que entendeu. Em contraposição, outros autores opinam que pode haver uma "certa fase na aquisição de uma segunda língua em que o falante é capaz de compreender um texto nessa língua, mas não é capaz de produzir, de criar um texto nessa mesma língua" (p. 87).

As colocações acima, envolvendo bilinguismo ativo e bilinguismo passivo serão retomadas no item 3 desta seção, quando se procurará caracterizar os sujeitos desta pesquisa.

#### b - Diglossia

Como ficou estabelecido, chamou-se de diglossia (item 1 desta seção) ao fato de determinadas pessoas valerem-se de diferentes modalidades de um sistema linguístico, de acordo com as circunstâncias em que se encontram. Tal comportamento, dizia-se, pode ser observado também entre os indivíduos bilíngües.

Fishman (apud Siguan, 1976: 30-2) diferencia bilinguismo com e sem diglossia e diglossia sem bilinguismo.

O bilinguismo com diglossia dar-se-ia no caso de, em uma comunidade, coincidirem dois grupos linguísticos, cujas línguas não possuíssem o mesmo prestígio social. Aqui, um dos grupos teria que optar por uma das línguas de acordo com as circunstâncias e/ou ouvintes. Quanto ao bilinguismo sem diglossia, poderia ocorrer, por exemplo, na situação dos emigrantes que, forçados a se converterem em bilíngües no país

de destino, desconheceriam, ainda, em que contextos seria oportuno usar uma outra língua, e, por isso, utilizariam-nas indistintamente.

A situação de diglossia sem bilinguismo retrata aquelas sociedades nas quais há diferença entre língua culta e língua popular, ainda que variedades de uma mesma língua. Segundo o autor, a diglossia sem bilinguismo poderia ser verificada em grupos socialmente distintos (senhores e escravos, nobres e povo, por exemplo). A separação entre eles seria tão rígida a ponto de possuírem língua própria sem existirem, no entanto, bilíngues.

Do exposto acima, conclui-se com o autor que os dois fatores - bilinguismo e diglossia - podem-se registrar, em maior ou menor grau, nas sociedades mais diversas, pois parece praticamente impossível existirem comunidades sem diglossia e/ou sem bilinguismo.

### 3 - LÍNGUAS EM CONTATO E INTERFERÊNCIA

#### a - Línguas em contato

Conforme ficou esclarecido no item anterior, segundo Weinreich (1954, in Saporta, 1961, p. 376), a situação designada *línguas em contato* estabelecer-se-ia a partir do indivíduo bilíngue, isto é, da possibilidade que determinado falante possui de alternar o uso de dois idiomas, levando em conta a língua de seu interlocutor ou as exigências de outras circunstâncias. Em outros termos, as línguas utilizadas pelos falantes, na situação de bilinguismo, são ditas em contato. Logo, para o autor supracitado, o falante é o lugar do contato, ou no dizer de Haugen (1956, in Saporta, 1961, p. 395), o lugar do bilinguismo é a mente do indivíduo. Por conseguinte, na opinião desses e de outros autores, o contato entre línguas não é simplesmente de ordem geográfica ou espacial.

Samuels (1972, p. 92-134), estudando o fenômeno dos contatos

entre idiomas diferentes, diz ser comum distinguir dois tipos diferentes ou fundamentais de contato:

. o contato estável e contínuo que se efetua entre sistemas lingüísticos vizinhos, quer no sentido horizontal, quer no sentido vertical;

. o contato súbito, resultante de invasões, migrações ou outras mudanças de população, de sistemas que não estavam em contato até então.

Em alguns casos, de acordo com o mesmo autor, os dois tipos de contato poderão efetuar-se paralelamente. Tal fato poderia ser registrado, por exemplo, em grandes cidades, grandes centros comerciais.

No presente trabalho, a expressão "línguas em contato" (conforme seção D), pretende designar, sobretudo, uma situação geográfica, uma situação de vizinhança entre duas comunidades lingüísticas.

Justificam esse posicionamento, entre outros, dois fatores:

O primeiro deles é a forma de bilingüismo identificado a partir dos sujeitos da amostra. Deveras, os indivíduos, não obstante compreenderem o idioma vizinho (o Espanhol), confessam não usá-lo, restringindo-se ao uso da Língua Portuguesa.<sup>1</sup> Tratar-se-ia, pois, de uma forma de bilingüismo passivo, anteriormente referido.

Em segundo lugar, é mister que se considere o tipo de relacionamento que se estabeleceu entre os habitantes de Sant'Ana do Livramento e Rivera, tendo em vista, como se verá

---

<sup>1</sup> Perguntados se falavam outra língua além do Português, os informantes, na sua totalidade, responderam negativamente.

a seguir, a importância que assumem os fatores extralinguísticos no estudo dos contatos entre duas línguas e, conseqüentemente, no estudo das interferências.

#### b - Interferência

As considerações feitas acima sobre bilinguismo e línguas em contato parecem adquirir nova dimensão se for levado em conta o fato de que a familiaridade do indivíduo com mais de uma língua dá origem ao que Weinreich (1954, in Saporta, 1961, p. 376) define como interferência, ou seja, o desvio das normas de uma das línguas devido à sua coexistência com outra. Petrovici (apud Maia, 1977, p. 88) afirma que, de um modo geral, onde há bilinguismo, há interferência entre os sistemas em contato. Além disso, segundo o mesmo autor, "as possibilidades de interferência entre duas línguas em contato são ilimitadas".

Os autores citados no parágrafo anterior concordam que a interferência pode dar-se em qualquer dos níveis do sistema: fonológico, morfológico, sintático, como pode dar-se no léxico. Além disso, há concordância entre os autores em geral (Weinreich, 1954, in Saporta, 1961, p. 376-81; Samuels, 1972, p. 92-134; entre outros) no sentido de se afirmar que o grau de interferência de duas línguas em contato depende, sobretudo, de dois aspectos:

Primeiramente, o fenômeno da interferência linguística está relacionado com as semelhanças ou as diferenças estruturais dos dois sistemas de contato;

Em segundo lugar, as interferências podem ter relação com fatores extralinguísticos: grau de bilinguismo dos falantes, condições sócio-culturais, prestígio dos usuários de determinada língua ou dialeto, tempo de contato e outros.

Com base no segundo aspecto, isto é, fatores extralinguísticos, e, considerando, por outro lado, os propósitos desta pesquisa, parece oportuno atentar para a localização geográfica de determinadas comunidades de fala.

Assim, poder-se-ia apontar, como exemplo, a região sul do Brasil, onde, além das diferentes áreas de colonização homogênea - alemã, italiana, plonesa - "ensanduichadas entre áreas de colonização portuguesa anterior", conforme Naro (1976, p. 76), existe uma área que, dadas as suas peculiaridades, oferece subsídios para que se averigüe as possíveis interferências lingüísticas: trata-se, no caso, das comunidades brasileiras cujos limites marcam o encontro com outras comunidades de Língua Espanhola. Entre elas, encontra-se Sant'Ana do Livramento, cidade-gêmea com Rivera, separadas apenas por uma avenida. Os sentimentos de amizade que unem os habitantes desses pontos extremos do Brasil e do Uruguai deram origem ao "slogan" Fronteira da Amizade.

Segundo Maia (1977, p. 83), na análise de qualquer nível lingüístico de povoações fronteiriças é necessário ter constantemente presente a situação de fronteira, uma vez que ela leva ao contato de línguas e ao bilingüismo dos falantes.

Considerando a situação de vizinhança entre as duas comunidades lingüísticas supracitadas e, levando em conta a semelhança existente entre as duas línguas (Português e Espanhol) e mais, o longo tempo de contato, supunha-se existir aí uma situação muito favorável ao bilingüismo e, conseqüentemente, à interferência de uma segunda língua. No entanto, conforme se frisou acima, os sujeitos desta amostra não são bilíngües ativos.

Hensey (1972, p. 21-6) declara que o bilingüismo é mais um fenômeno uruguaio que brasileiro, principalmente nas cidades acima mencionadas. Por outro lado, enquanto no Uruguai a tendência é de aumentar o número de bilíngües, no Brasil, parece não se observar o mesmo fato. Em Livramento, o bilingüismo tende a desenvolver-se paralelamente à educação formal, porém, em ambas as cidades, a classe dos trabalhadores apresenta um percentual mais baixo de bilíngües. O autor insiste em afirmar que os poucos bilíngües brasileiros encontrados diziam ter aprendido Espanhol pelo fato de viverem na Fronteira e que, raramente o usavam, mesmo quando

conversavam com seus vizinhos castelhanos.

Ponderando as colocações acima, parece pouco plausível a hipótese de uma população bilíngüe considerável em Livramento, não obstante ser essa comunidade gaúcha a que tem convivência mais íntima com falantes de Espanhol.

Rona (1965, p. 5-18), numa tentativa de análise fonológico-fonética do "fronterizo" - dialeto resultante da mistura do castelhano falado no norte do Uruguai com o Português falado na parte meridional do Rio Grande do Sul - encontrou na fronteira daquele País com este Estado, três modalidades de fala:

A primeira delas caracteriza a convivência de indivíduos que falam Espanhol com outros que falam Português, sem alterações no sistema fônico;

Em segundo lugar, vêm os casos de bilingüismo que, segundo ele, constituem a maior parte da população. Dá-se aqui uma reinterpretação do sistema fônico do Português pelo falante do Espanhol e vice-versa;

E, por último, o dialeto "fronterizo", no qual já não existem dois sistemas fônicos, senão apenas um, comportando características de ambas as línguas. Todavia, no "fronterizo português" predominam os traços do Português e no "fronterizo castelhano", os traços do Espanhol.

Um exame dos pontos-de-vista dos dois autores supra revela que não há inteira concordância entre ambos com relação ao fator bilingüismo na região da Fronteira. Entrementes, como não é meta do presente trabalho dar um tratamento exaustivo a essas questões, deixa-se tal discussão a outras abordagens possíveis e/ou pertinentes.

Apesar disso, com relação aos alfabetizando da Fronteira, supõe-se que, não obstante tratar-se de sujeitos caracterizados por uma forma de bilingüismo passivo, poderão ocorrer interferências, conforme se procurará indicar no item seguinte.

#### 4 - EXPRESSÃO ESCRITA

Situado o enfoque da presente pesquisa nos limites ortográficos da língua, tornam-se imprescindíveis algumas considerações, quer levando em conta aspectos de caráter histórico do problema, quer chamando a atenção para as dificuldades relativas ao processo de aquisição do código escrito.

##### a - Aspectos históricos

Segundo Halliday et alii (1974, p. 68), a escrita foi, inicialmente, uma forma de comunicação visual, através de figuras, por exemplo, sem intenção de representar a fala. Com o passar dos tempos, os símbolos lingüísticos associaram-se a elementos da língua, dando como resultado "um sistema de comunicação visual cujos símbolos representam elementos de uma língua".

Não obstante existirem, ainda hoje, povos que não dispõem de qualquer sistema de escrita, sabe-se que foram inúmeras as tentativas empreendidas pela humanidade, através da história, no sentido de gravar, de alguma maneira, a linguagem verbal. Assim é que se conhecem diversas formas de escrita: a pictográfica ou ideográfica, a silábica, a alfabética, entre outras (Lado, 1972, p. 131).

Ainda que a oralidade da língua tenha se tornado, em alguns momentos da história, a preocupação capital, quase única, dos lingüistas, como se depreende, por exemplo, num dos postulados de Bloomfield (1933, p. 21, apud Matos, 1976, p. 17): "Writing is not language, but merely a way of recording language by means of visible marks", pode-se adiantar com Machado Filho (1974, p. 113) que "o conhecimento dos processos de representação gráfica da língua ocupa lugar de relevo nos estudos lingüísticos".

No século XVII, na Inglaterra e em outros países, as pessoas educadas obedeciam a determinados padrões na expressão escrita, embora em tempos mais antigos fosse admitido o individualismo

na ortografia (Halliday et alii, 1974, p. 108).

Observa-se, na história das civilizações, que a escrita tem uma relação muito estreita com o progresso, com as organizações político-administrativas, com a atividade literária, enfim. O código escrito serve de elo entre as gerações, impedindo que muitos fatos, idéias e conhecimento da realidade se percam no tempo (Biderman, 1973: 50-6).

Atualmente, parece ser ponto pacífico entre os lingüistas (dentre os quais cita-se Langacker, 1975, p. 66-75) que a língua escrita, a par da modalidade oral, desempenha função relevante na vida das sociedades e, conseqüentemente, na vida dos indivíduos.

No dizer de Kristeva (1969, p. 45), a escrita "utiliza o espaço para nele se marcar, lançando um desafio ao tempo: enquanto a fala rola na temporalidade, a escrita passa através do tempo, representando-se como uma configuração espacial".

Muito acertada revela-se a posição expressa por Genouvrier & Peitard (1974, p. 46), afirmando que o papel primordial exercido pela fala não implica minimizar a expressão escrita.

A preocupação dos autores da gramática grecolatina - "a arte de falar bem e escrever corretamente" - (conforme Mattoso Câmara, 1973, p. 5) deve constituir, ainda hoje, uma preocupação das escolas e das comunidades. Não outra é a intenção dos órgãos governamentais responsáveis pela educação no Brasil (Comissão do MEC, 1976: 37-43).

#### b - Aquisição do código escrito

É comum dizer-se que toda criança aprende a falar sua língua antes de aprender as habilidades de ler e escrever.

Ler e escrever, segundo Lyons (1972, p. 24), são aptidões que a criança adquire à medida que lhe sejam dadas instruções baseadas no seu conhecimento prévio da linguagem oral.

No Brasil, em se tratando da aquisição do código escrito, precisamente em Língua Portuguesa, sabe-se que o País vem dispendendo esforços, em especial nos últimos anos, no sentido de erradicar o analfabetismo, principalmente na camada adulta da população.

Um estudo, envolvendo sujeitos pertencentes a essa camada, em fase final de alfabetização, com o objetivo de verificar as interferências de uma segunda língua na aprendizagem da escrita, foi realizado por Bisol et alii (1975). Trata-se de escolares bilíngües e monolíngües pertencentes às zonas de colonização alemã (Alto Taquari), colonização italiana (Caxias do Sul) e zona metropolitana (Porto Alegre).

O referido estudo, bem como outros de natureza semelhante, resenhados pelos supracitados pesquisadores, revelam que, no que concerne à alfabetização, é imprescindível considerar a entidade ortográfica vinculada à entidade fonológica.

Além dessa relação entre os símbolos e as unidades lingüísticas por eles representadas, é mister que se leve em conta, segundo Lado (1972, p. 129-30), as propriedades distintivas dos símbolos em si mesmos. Essas propriedades diferem em importância, podendo ser ou não relevantes. A exemplo, as três linhas horizontais do "E" de imprensa maiúsculo são todas pertinentes, ocasionando confusão com outros símbolos a falta de uma delas.

Em termos gerais, o aprendizado da escrita é uma tarefa complexa. Em se tratando da Língua Portuguesa, considere-se, por exemplo, o fato de a uma letra corresponderem dois ou mais fonemas, como "s" em "salve" e "brasileiro"; a um valor sonoro corresponderem diversas representações gráficas, como "s" em "ser" e "ceder"; ou ainda o fato de uma letra indicar sons combinados, como "x" em "crucifixo", sem falar nos dígrafos (Mattoso Câmara, 1971, p. 13).

Em uma análise ortográfico-fonológica, Silva (1974, p. 3-51), relacionando alguns dos problemas que os alfabetizando têm

de enfrentar para aprender os mecanismos ortográficos que substituem na escrita o código oral, cita (além dos fonemas com representação múltipla e símbolos gráficos com valor fonológico múltiplo) os problemas das alofonias como ocorre com a letra "l" que representa o fonema /l/, o qual, por sua vez, pode ter diversas realizações fonéticas, como se observa em "lata" e "real".<sup>2</sup>

Outro aspecto problemático para o alfabetizando diz respeito à correta representação do fonema /r̄/, uma vez que, segundo a ortografia vigente, esse fonema pode ser transcrito por duas maneiras diferentes, ou seja, um "r" como em "rádio" e dois "rr" como em "ferro".

Há, por outro lado, na Língua Portuguesa, o fonema /r/, representado na escrita por "r", como em "parede", o que ocasiona maiores dificuldades para o registro correto dos fonemas em questão: /r̄/ e /r/.

Considere-se, ainda, que, em algumas zonas de colonização alemã e italiana, parece ter-se anulado, às vezes, a oposição entre /r̄/ e /r/, tendo-se como resultado as cacografias "tera" (terra) e "querrido" (querido), conforme Bisol et alii (1975, p. 87-90).

Além disso, com a existência de /r/, a situação torna-se ainda mais embaraçosa, já que dificulta a correta distribuição das letras que representa os dois fonemas.

A propósito, a circunstância de a escrita e a fala seguirem diferentes caminhos já foi muitas vezes abordada, registrando-se, aqui e ali, reflexões como esta: "... a ortografia oficial brasileira entrou por um caminho excessivamente elaborado e

---

<sup>2</sup> São frequentes em outros autores (Malmberg, 1954, p. 81-2; Mattoso Câmara, 1953, p. 33; 1971, p. 17-8 e 1973, p. 25; apenas para citar alguns) comentários alusivos à realização do fonema lateral /l/. Afirma Mattoso: "uma excessiva velarização do /l/ pós-vocálico, dando-lhe o efeito de uma semivogal /w/, é funcionalmente perturbadora, pois confunde formas como /mal/ e /maw/ ..."

sofisticado, que muitas vezes não corresponde a uma característica viva da grafia e se rege, aliás, por motivações diacrônicas..." (Mattoso Câmara, 1973, p. 19).

Essas são apenas algumas das inúmeras dificuldades que poderiam ser apontadas, no que concerne à aquisição do código escrito pela criança.

Das considerações acima, depreende-se que o conhecimento dos tipos de relações que existem entre os sistemas alfabético e fonológico é de real importância para os alfabetizadores. De posse desse saber, poderá o professor facilitar ao aprendiz a tarefa da transferência de um mecanismo sonoro familiar para outro desconhecido, artificial, conforme Silva (1974, p. 4).

#### c - Dificuldades específicas

Considerando que a aprendizagem da escrita em língua materna traz sérias dificuldades para a criança, é do consenso geral que os problemas tendem a se agravar quando se trata da alfabetização de adultos.

Em relação aos sujeitos desta amostra, parece oportuno levar em conta, inicialmente, alguns aspectos que permitem caracterizá-los com mais propriedade. Deveras, além de serem alfabetizando adultos, pertencem à classe operária de baixa renda, com prejuízo de seu nível cultural.<sup>3</sup>

Tendo em vista que esses indivíduos estão habituados a ouvir, constantemente, ao lado da língua materna, outro idioma falado por outra comunidade lingüística, supõe-se existirem neles dificuldades específicas. Em outros termos, a situação de línguas em contato produz erros diferentes dos observados em outras regiões dialetológicas, a exemplo, aquelas regiões pesquisadas por Bisol et alii (1975).

<sup>3</sup> Bernstein (apud Siqan, 1936:35) é taxativo: "o menor êxito das crianças das classes trabalhadoras na escola tem uma raiz fundamental: a língua que falam e que as põe numa situação de inferioridade".

Dado que, conforme se frisou anteriormente, os sujeitos deste estudo são considerados bilíngües passivos, importa ter em mente, uma vez mais, o tipo de relacionamento que se observa entre os habitantes das duas comunidades há pouco referidas (Sant'Ana do Livramento e Rivera), o qual oferece razões substantivas para se cogitar que ocorram interferências, não só no momento de fala, mas também no ato da escrita, ao lado daquelas (interferências) decorrentes das diferenças entre os sistemas alfabético e fonológico.

Não obstante a semelhança que caracteriza os dois idiomas em contato, fator que permite aos falantes do Português acompanharem facilmente o Espanhol falado, há expectativas que ocorram erros nos indivíduos supramencionados, quando se trata de perceber, reproduzir e transferir para a escrita aqueles sons que apresentam alguma diferença nos dois sistemas lingüísticos referidos. Essa suposição fundamenta-se em vários autores (Weinreich, 1974, p. 14-5; Martinet, 1970, p. 172; entre outros).

Na análise de Rona (1965, p. 19-23), já referida nesta seção, o autor apresenta algumas peculiaridades que caracterizam o desempenho dos falantes bilíngües. Abaixo são transcritos dois quadros, elaborados por ele, respectivamente para o Espanhol e para o Português:

VOGAIS	a			
	e o		i u	
CONSOANTES	Labiais	Dento alveolares	Palatais	Velares
oclusivas .....	p	t		k
	b	d		g
fricativas .....	f	s	z̃	X
africadas .....			c̃	
nasais .....	m	n	ñ	
vibrantes .....		r, r̃		
líquidas .....		l		

*Sistema fonológico do Espanhol*

(Rona, 1965, p. 19)

VOGAIS	a		ã			
	ɛ	ɔ	ẽ	õ		
	e	o	ĩ	ũ		
	i	u				
CONSOANTES	Labiais		Dento-alveolares		Palato-velares	
oclusivas .....	b	p	d	t	g	k
fricativas .....	v	f	z	s	ʒ	ʃ
africadas .....						
nasais .....	m		n		ɲ	
vibrantes .....			r		ʀ	
líquidas .....			l			

*Sistema fonológico do Português*  
(Rona, 1965, p. 23)

Com base nos quadros acima, o autor analisa o comportamento de bilíngües, cujo sistema primário seja o Português.

A diferenciação entre oclusivas e fricativas, no que tange às correlações de tensão e sonoridade constituiria a primeira dificuldade para o bilíngüe-português. Exemplificando, o Espanhol apresenta um fonema sonoro /b/ indiferente à correlação de plqsão e que se opõe, como sonoro, a dois fonemas surdos: um oclusivo /p/ e outro fricativo /f/. Por seu turno, o Português apresenta, não mais uma distribuição triangular, e sim, quadrangular; ou seja, há oposição nítida entre oclusivas e fricativas, surdas e sonoras.

Por outro lado, enquanto no Espanhol os fonemas fricativos /s/ e /ʒ/ são indiferentes à correlação de sonoridade, no Português a sonoridade é pertinente.

Ainda que tais observações digam respeito ao desempenho dos bilíngües ativos, pode-se supor, no entanto, que esses fatos tragam conseqüências também para os bilíngües passivos da região,

com possíveis reflexos na escrita. É de se esperar, por exemplo, que apareçam na escrita dos alfabetizados desta amostra trocas como o "v" pelo "b", refletindo a pronúncia castelhana.

O fato de não aparecer, no quadro das consoantes do Português o fonema lateral palataí /l̃/, permite antever prováveis substituições para tal elemento. A exemplo, a substituição desse fonema pelo grupo palatal /ly/ ou ainda por /y/.

Relativamente à vibrante, espera-se que os sujeitos deste estudo apresentem dificuldades, não só quanto à distribuição das letras que representam o fonema /r̃/ como se frisou no item anterior, mas também com relação aos múltiplos alofones observados na articulação da vibrante múltipla (Mattoso Câmara, 1973, p. 39-41 e 1971, p. 15-6; Pontes, 1972, p. 17), ainda que se trate de região fronteira, pois, observa-se que não existe um denominador comum entre os autores de trabalhos realizados nessa região da Fronteira, no que concerne à realização desse fonema. Enquanto Rona (1965, p. 23) classifica-o como palatovelar, Hensey (1969:110) classifica-o como alveolar. Todavia, Hensey (1972, p. 39-41), com base na descrição de Rona, supõe existir na zona fronteira uma área de interferência potencial.

Explica-se tal interferência, levando-se em consideração o fato de o /r̃/ no Português possuir basicamente dois alofones: [r̃] (alveolar) e [x] (velar). Os dois alofones mencionados correspondem, no Espanhol, a dois fonemas diferentes: /x/ como em "bajo" e /r̃/ como em "barro".<sup>4</sup>

Concernentemente às vogais, espera-se que os sujeitos desta amostra não apresentem dificuldade no que tange à grafia das

---

<sup>4</sup> Recorde-se, no entanto, que a interferência neste nível somente é passível de ser observada em falantes bilíngües com conhecimento da realidade gráfica das duas línguas. Tal fato pode ocorrer mesmo entre alunos do MOBREAL da zona fronteira, desde que estejam na fase final de alfabetização, como é o caso dos escolares desta pesquisa.

vogais átonas finais "o" e "e", por realizarem-nas como [o] e [e] no dialeto do sul do País (Hensey, 3:110, 1969; Silva Neto, 1976, p. 168-9; Mattoso Câmara, 1971, p. 13-4 em nota de rodapé), havendo, portanto, uma relação biunívoca entre som e letra. Mello (1975, p. 109), referindo-se às tendências dialetais verificadas no Brasil, escreve: "no Rio Grande do Sul, vamos encontrar, como é natural, alguma influência espanhola que se traduz pelo timbre de "ê" dado ao "e" final: fome, sede ..."

Com referência ao ditongo oral decrescente, prevê-se que poderão surgir dificuldades, uma vez que, conforme observa Mattoso Câmara (1970, p. 45), o ditongo não se constitui privilégio de todos os falantes do Português, citando Lisboa e o Rio Grande do Sul como exemplos de áreas que não o possuem. O fato de o autor ter-se referido a esse estado sulino, dá ensejo a que se cogite acerca de um possível fenômeno de interferência, à medida que o falante se aproxima da fala castelhana, isto é, a omissão do ditongo poderá aumentar significativamente nessa região, refletindo a influência da Língua Espanhola.

Além das dificuldades acima previstas, outras poderão ocorrer, embora não tenham sido apreciadas nesta revisão da literatura.

## C - OBJETIVOS

Tendo em vista o problema a ser pesquisado, isto é, investigar, até que ponto a situação de contato do Espanhol com o Português interfere na aprendizagem da escrita de falantes do Português em fase de escolarização tardia, o presente trabalho propõe-se os seguintes objetivos:

- . efetuar um levantamento de erros ortográficos cometidos por alunos do último mês do Curso de Alfabetização Funcional do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), pertencentes à região da Fronteira, ou mais exatamente, ao município de Sant'Ana do Livramento;
- . proceder à classificação dos erros levantados, a fim de verificar possíveis interferências na aprendizagem da escrita, devidas à situação de línguas em contato;
- . comparar, em determinados aspectos (a serem determinados por critérios de pertinência quanto ao grau de importância, segundo as discrepâncias apresentadas), tipos de erros cometidos pelos sujeitos da região fronteira com os das outras regiões dialetológicas pesquisadas por Bisol et alii (1975).

Os objetivos acima, justificam-se, em primeiro lugar, no fato de ser a forma de bilingüismo da Fronteira diferente do das outras regiões supracitadas, pois, enquanto naquelas regiões os pesquisadores discriminavam, de um lado, sujeitos monolíngües e, de outro, bilíngües ativos; os sujeitos desta amostra evidenciam uma forma de bilingüismo passivo, conforme ficou exposto na seção anterior.

A tarefa torna-se mais significativa, se se considerar que os referidos contatos não só ocorrem no Rio Grande do Sul, mas em todo o Brasil, onde exista a situação de vizinhança entre as duas línguas. Dado que o País limita-se quase que exclusivamente com países de fala espanhola, este trabalho pode ser um passo inicial no estudo do fenômeno, a fim de se chegar a uma generalização para toda a região da Fronteira.

Por outro lado, o trabalho justifica-se, ainda, porque pretende

dar continuidade a uma pesquisa de inegável valor já iniciada por Bisol et alii (1975), fornecendo outros dados alusivos a outra população, aproveitando um instrumento e um sistema de análise já testados.

Enfim, elegeu-se o município de Sant'Ana do Livramento para a coleta de dados, uma vez que, analisada sua posição geográfica em relação ao contato com falantes do Espanhol, é o que parece reunir melhores condições para o estudo.

## D - DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS<sup>5</sup>

A presente seção visa a operacionalizar a definição das variáveis relevantes ao presente estudo, definindo os termos que são empregados na elaboração do mesmo.

### 1 - VARIÁVEL INDEPENDENTE: LÍNGUAS EM CONTATO

a - Línguas em contato - designa uma situação de estreita vizinhança entre duas comunidades que usam diferentes sistemas linguísticos.

b - Bilinguismo - uso de duas línguas de culturas diferentes pelo mesmo indivíduo.

(1) Bilinguismo ativo - uso de uma segunda língua em graus variáveis de domínio. O mesmo que bilinguismo.

(2) Bilinguismo passivo - designa a situação daqueles falantes que, além da língua materna, são capazes de compreender uma segunda língua, sem, contudo, poderem (ou quererem) usá-la.

(3) Bilíngue-italiano - indivíduo que fala o Português e o Italiano, residente na zona de colonização italiana de Caxias do Sul, RS ou de Porto Alegre, RS.

(4) Bilíngue-alemão - indivíduo que fala o Português e o Alemão, residente na zona de colonização alemã do Alto Taquari, RS ou de Porto Alegre, RS.

c - Monolinguismo - uso de uma só língua pelo falante, de acordo com o dialeto da região em análise.

### 2 - VARIÁVEL DEPENDENTE - DESEMPENHO ORTOGRÁFICO

a - Desempenho ortográfico - utilização do sistema ortográfico vigente na execução de um ditado de palavras isoladas, expresso

---

<sup>5</sup> A maior parte dos conceitos desta seção foram transladados da pesquisa realizada por Bisol et alii (1975), visto serem usados com o mesmo significado.

pela relação número de acertos X número de erros.

b - erros - desvios da norma ortográfica vigente, classificáveis em diferentes tipos, excetuando-se o diacrítico referente ao acento.

(1) Apagamento - omissão de uma ou mais letras no vocábulo em diferentes posições.

(a) Aférese - omissão de uma letra no início do vocábulo.

(aa) Aférese pré-vocálica - omissão de consoante em posição anterior a uma vogal.

(bb) Aférese em grupo - omissão de consoante pertencente a grupo consonantal.

(cc) Aférese átona - omissão de vogal em posição átona.

(dd) Aférese tônica - omissão de vogal em posição tônica.

(b) Síncope - omissão de uma letra no interior do vocábulo em diferentes posições.

(aa) Síncope pré-vocálica - omissão de consoante em posição anterior a uma vogal.

(bb) Síncope pós-vocálica - omissão de consoante em posição final de sílaba.

(cc) Síncope em grupo - omissão de consoante em grupo consonantal.

(dd) Síncope pretônica - omissão de vogal em posição anterior à sílaba tônica.

(ee) Síncope tônica - omissão de vogal tônica.

(ff) Síncope postônica - omissão de vogal em posição posterior à sílaba tônica.

(c) Apócope - omissão de uma vogal no fim do vocábulo.

(aa) Apócope consonantal - omissão de consoante pós-vocálica.

(bb) Apócope átona - omissão de vogal em posição átona.

(cc) Apócope tônica - omissão de vogal em posição tônica.

(2) Acréscimo - adjunção de uma letra estranha ao corpo do vocábulo.

(a) Prótese - adjunção de uma letra no início do vocábulo.

(b) Epêntese - adjunção de uma letra no interior do vocábulo.

(c) Paragoge - adjunção de uma letra no fim do vocábulo.

(d) Apoio vocálico - adjunção de uma vogal que serve de apoio vocálico.

(e) Reduplicação - repetição de uma letra ou sílaba em qualquer posição do vocábulo.

(3) Permuta - substituição de uma letra por outra no vocábulo.

(a) Ambígua - substituição provocada por equívocos atribuíveis a mais de uma origem.

(b) Assimilação vocálica - substituição de uma letra por outra existente no vocábulo por cópia ou aproximação de ordem fonológica.

(c) Bilabialidade - substituição de letras que representam fonemas da classe das oclusivas, distinguidas pelo traço bilabial.

(d) Letras multivalentes - confusão de letras em relação multívoca com os fonemas.

(e) Lateralidade - troca de letras que representam fonemas distinguidos pelo traço lateral.

(f) Modo de articulação - troca de letras por confusão proveniente do modo de articulação.

(g) Mudança de estrutura silábica - substituição de uma sílaba por outra com menor número de elementos.

(h) Palatalização - troca de letras que representam fonemas distinguidos pelo traço palatal.

- (i) Sonorização - troca de letras que representam fonemas distinguidos pelo traço de sonoridade.
- (j) Troca visual - troca de letras por semelhanças gráficas.
- (l) Vibrante - troca de letras por confusão relativa à realização da vibrante.
- (m) Vocalização - substituição da vibrante por vogal assilábica.
- (n) Vogal final - confusão entre vogais átonas provocada pela perda da distinção entre vogais médias e altas.
- (o) Vogal nasal - fechamento da vogal oral, provocado pela presença de consoante nasal.

## E - LIMITAÇÕES E RELEVÂNCIAS DO PRESENTE TRABALHO

Levando em conta a natureza descritiva do presente estudo, os dados não permitem concluir, em termos definitivos, a respeito da interferência de uma segunda língua no desempenho ortográfico dos alfabetizados.

Entretanto, considerada a escassez de trabalhos de caráter empírico realizados na região da Fronteira (conforme ficou evidenciado na revisão bibliográfica), esta pesquisa poderá representar um passo à frente para os estudos lingüísticos no que tange aos contatos Português/Espanhol, em especial no que concerne às repercussões dos mesmos na aprendizagem da escrita.

Além disso, esta tentativa poderá servir de estímulo para que outros pesquisadores realizem novos estudos envolvendo fenômenos de linguagem, contribuindo, dessa forma, para que se tenha um melhor conhecimento do estado atual da Língua Portuguesa no Brasil, bem como oferecer informações para o aprimoramento do ensino-aprendizagem da língua materna.

A segunda parte deste trabalho destina-se a apresentar a metodologia usada na realização da pesquisa.

O presente estudo utilizou o nível mais baixo da Escala de Nível Ortográfico, construída e testada por Bisol et alii (1975, p. 15-23), segundo modelo de Villarejo (apud Bisol et alii, 1975, p. 16), a fim de possibilitar a comparação entre os dados deste estudo com os daquele do EB, conforme ficou determinado na seção dos objetivos.

Na seção que segue (A), será feita a transcrição do método usado pela equipe do estudo supracitado (p. 15-9), com o objetivo de construir o instrumento.

Para a avaliação do nível ortográfico, a equipe do EB construiu um instrumento de medida cuja validade e fidedignidade assegurassem a objetividade dos resultados.

## A - ESCALA DE NÍVEL ORTOGRÁFICO

Entre diferentes modalidades possíveis, a equipe optou por um ditado de palavras isoladas, conforme a *Escala de Ortografia espanhola para la escuela primaria*, de Villarejo (apud Garcia, 1960, p. 63-9). A equipe pretendia estabelecer níveis de dificuldade em um dado número de palavras da Língua Portuguesa. As palavras que apresentassem menor nível de dificuldade seriam utilizadas no instrumento a ser aplicado à população-alvo do estudo, apenas alfabetizada. O detalhamento da construção e a técnica de validação da escala da qual foi extraído o instrumento empregado seguem abaixo.

### 1 - SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Quanto aos sujeitos, foram aproveitados alunos de ambos os sexos do 4º nível de todas as classes de Ensino Supletivo, por ser esse adiantamento aquele em que a fixação ortográfica seria mais decisiva, segundo Villarejo (1946, apud Garcia, 1960, p.65). O fato de validar a escala com os alunos do Ensino Supletivo explica-se por constituírem eles uma população de características semelhantes àqueles sujeitos aos quais seria aplicado o instrumento, construído a partir da escala. A escala foi aplicada a um total de 4.206 alunos, ou seja, 72% da população total do 4º nível do Curso Supletivo de Porto Alegre.

### 2 - CONSTRUÇÃO DA ESCALA

#### a - Primeira seleção de vocábulos

Numa primeira seleção de vocábulos para a organização da escala, a equipe serviu-se do último vocábulo de cada página do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (Caldas Aulete, 1958) num total de 5.396 palavras, segundo critérios de Villarejo acima citado.

#### b - Segunda seleção de vocábulos

A fim de realizar uma segunda seleção de vocábulos, a lista

inicial de 5.396 palavras foi examinada por três juízes, para a exclusão dos considerados raros, antiquados, excessivamente técnicos, longos, homófonos e de sentido pejorativo. Um vocábulo seria excluído da lista se dois juízes concordassem que tal palavra se enquadrava numa das classes acima.

Assim, os vocábulos que permaneceram, num total de 2.001, foram colocados aleatoriamente em séries de 100, a partir da tábua de números aleatórios. Das 21 séries resultantes, dez foram selecionadas randomicamente, constituindo um total de 1.000 palavras, com base no modelo de Villarejo (apud Garcia, 1960, p. 65).

### 3 - APLICAÇÃO DA ESCALA

#### a - Aplicadores

Sob a inspeção pessoal dos pesquisadores, a escala foi aplicada pelos auxiliares pedagógicos de cada escola, especialmente treinados para a tarefa, o que garantiu a aplicação simultânea do teste em 47 escolas que possuíam classes de 4º nível, na cidade de Porto Alegre.

#### b - Material

O material de aplicação da escala consistiu de três folhas mimeografadas: uma com os dados de identificação (Anexo I) e duas folhas com 100 espaços, numeradas de 1 a 100, onde os alunos escreveram as palavras de duas das dez listas referidas.

#### c - Condições de aplicação

Cada escola recebeu duas listas. O número de listas passou para 4 quando a escola possuía mais de 118 alunos no 4º nível. Por orientação do consultor estatístico, cada aluno escreveu duzentas palavras, ao invés de escrever as 1.000 palavras constitutivas da escala; tal decisão foi tomada com base na suposição de que a população de Ensino Supletivo é homogênea quanto ao nível sócio-econômico. Assim, a aplicação durou dois

dias letivos consecutivos. A aplicação do instrumento deu-se no turno da noite, na sala de aula, durando, aproximadamente, 30 minutos.

As instruções para o aplicador constam no Anexo II.

O número de pessoas que se submeteram ao ditado de cada uma das listas variou conforme se pode observar na tabela 1 do EB (p. 18).

#### 4 - CORREÇÃO DA ESCALA

A correção dos dados obedeceu aos seguintes critérios:

Foi considerada errada toda palavra que não estivesse escrita de acordo com a lista apresentada, ou palavra em branco.

Não foi considerado erro a ocorrência de:

- . letras maiúsculas ou minúsculas;
- . ausência ou excesso de acento;
- . ausência ou presença de hífen.

O ditado foi corrigido manualmente pelos pesquisadores e equipe auxiliar num montante de 800.000 palavras, aproximadamente.

#### 5 - MÉTODO DE ANÁLISE ESTATÍSTICA

De posse dos totais de erros de cada palavra, a equipe construiu os níveis de escala de medida do desempenho ortográfico, valendo-se do Centro de Processamento de Dados da PUC-RS, devido ao elevado número de dados, seguindo o processo que segue:

- . Cálculo da percentagem de erro de cada palavra, em função do número de vezes que a palavra foi escrita.
- . Cálculo da média dos erros, da variância e do desvio padrão.

. Cálculo da amplitude dos intervalos, segundo a metodologia empregada por Villarejo (apud Garcia, 1960, p. 66).

. Estabelecimento dos intervalos.

O primeiro intervalo foi constituído subtraindo-se, da média, 0,08 do desvio padrão (limite inferior) e somando-se à meio o mesmo 0,08 (limite superior). Somando-se 0,16 do desvio padrão (0,16s) ao limite superior do primeiro intervalo e depois ao limite superior de cada novo intervalo, foram sendo obtidos os limites dos intervalos à direita da média até atingir 100. Pelo mesmo processo, subtraiu-se 0,16 do desvio padrão (0,16s) sendo obtidos os limites dos intervalos à esquerda da média até atingir zero.

Como resultado da metodologia descrita, foi construído um total de 52 intervalos, a cada um dos quais corresponde um número variável de palavras.<sup>6</sup> As palavras do primeiro intervalo da escala, isto é, aquelas menos erradas, constituíram o teste que foi aplicado à população-alvo do estudo, alunos em fase de alfabetização.

Constituíram o nível da escala 31 palavras com percentual de erro igual a zero e 72 palavras com percentual de erro igual a um, perfazendo um total de 103 palavras.

Na próxima seção (B), será descrita a metodologia usada pelo presente estudo, tendo como base o modelo de Bisol et alii (1975, p. 20-3), conforme foi frisado anteriormente.

---

<sup>6</sup> Tais palavras fazem parte do Anexo I do EB (p. 173) e não serão anexadas a este trabalho, uma vez que não são utilizadas por este estudo.

## B - METODOLOGIA DO PRESENTE TRABALHO

O procedimento descrito acima (Seção A) foi utilizado pela equipe para localizar quais seriam, dentre as 1.000 palavras selecionadas, as que menos dificuldades ofereceriam a alunos recém alfabetizados, como é o caso daqueles que frequentam o 6º mês do Curso de Alfabetização Funcional, os sujeitos do EB e os do presente estudo.

### 1 - SELEÇÃO DOS SUJEITOS

#### a - População-alvo

Constituíram a população-alvo os alunos do MOBREAL do município de Livramento, matriculados no II semestre de 1976, cadastrados na Secretaria Municipal de Ensino da referida cidade.

Com a finalidade de determinar essa população, buscou-se, em primeiro lugar, informações junto à Coordenadoria Municipal de Ensino do mesmo município.

#### b - Critérios de amostragem

O processo de escolha da amostra considerou, inicialmente, o número de alunos que durante os primeiros meses frequentavam os Cursos de Alfabetização Funcional. No projeto inicial da pesquisa enviado ao MOBREAL CENTRAL, calculou-se que a amostra deveria ser constituída de 100 sujeitos de um total de 500 alfabetizando (população) aproximadamente. O critério de escolha seria de sorteio das escolas e, posteriormente, dos alunos.

No entanto, no último mês do Curso, época da aplicação do instrumento, os critérios tiveram que ser modificados, procurando-se aproveitar todos os alunos que ainda frequentavam as aulas, dado o reduzido número destes. Aplicou-se, então, o teste a todas as classes onde houvesse alunos, atingindo um total de 95 informantes.

### c - Amostra

Serviram de componentes da amostra todos os alunos do último mês do Curso de Alfabetização Funcional do município de Livramento. Não foram levadas em consideração as variáveis sexo e idade: aquela, para evitar o fracionamento dos dados; esta, por tratar-se de população adulta.

## 2 - CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO

O número de vocábulos integrantes do primeiro nível da escala ortográfica (anteriormente referida) era de 103, conforme Bisol et alii (1975, p. 21). A equipe do referido estudo, no entanto, reduziu esse total, tendo em vista não propor tarefa demasiadamente cansativa aos sujeitos.

Portanto, dos 103 elementos iniciais, permaneceram 60, sendo eliminados e substituídos pelo vocábulo seguinte, em ordem de apresentação, os que continham apenas duas letras (por oferecerem dificuldade mínima) e os que repetiam o tipo de dificuldade ortográfica de outras semelhantes na lista (palavras análogas).

A lista definitiva das palavras ditadas constitui o Anexo III. O levantamento das letras que compõem o ditado, sua distribuição e frequência, está expresso no Anexo IV.

## 3 - APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO

O instrumento acima construído foi reaplicado aos sujeitos deste estudo. Da mesma forma que na pesquisa anterior, o instrumento foi aplicado apenas uma vez aos sujeitos. A fim de que a equação pessoal fosse nula, um dos requisitos para a fidedignidade do instrumento, conforme Bisol et alii (1975, p. 21), as palavras do ditado (Anexo III), bem como as instruções (Anexo IV), foram gravadas em fitas K-7 pelo mesmo elemento que fizera a gravação utilizada pelo EB. Com esse procedimento, pretendeu-se evitar variações alofônicas entre os diferentes aplicadores. Cada palavra foi repetida duas vezes com um intervalo de, aproximadamente, 15 segundos. Foram organizadas

as folhas, numeradas de 1 a 60, onde os alunos escreveriam o ditado, com a solicitação dos mesmos dados do Anexo I. A aplicação ocorreu no último mês do Curso de Alfabetização, durando 8 dias. O instrumento foi aplicado na sala de aula, variando o dia e a hora da aplicação. Esta foi feita exclusivamente pelo elemento responsável pela pesquisa. A prova teve a duração aproximada de 40 minutos. Ao chegar na sala de aula, o aplicador informava os alunos de que:

- . o trabalho a ser realizado não teria o objetivo de avaliação;
- . a finalidade do trabalho seria verificar quais palavras ofereceria maior ou menor dificuldade para alunos em fase final de alfabetização;
- . deveriam manter-se em completo silêncio;
- . não deveriam fazer perguntas durante o ditado;
- . se não soubessem escrever determinada palavra, deixassem o espaço correspondente em branco.

A seguir, o aplicador ligava o toca-fitas para a aplicação do teste. Finda a prova, o aplicador preenchia com os alunos os dados de identificação.

#### 4 - CORREÇÃO

A correção foi realizada manualmente pela autora da pesquisa, atendendo ao seguinte código:

- 0 - palavra correta
- 1 - acréscimo de letras
- 2 - apagamento de letras
- 3 - permuta
- 4 - palavra em branco
- 5 - palavra ininteligível
- 6 - troca de palavras

Não se considerou erro a ausência ou excesso de acento, emprego de maiúscula ou de minúscula, ou presença de hífen.

Com as instruções acima (preconizadas pela equipe do EB), procedeu-se à correção de 95 ditados num total de, aproximadamente, 3.600 palavras.

#### 5 - MÉTODO DE ANÁLISE ESTATÍSTICA

Inicialmente, foi treinada uma equipe auxiliar para proceder à tabulação dos dados. Esses foram tabulados, considerando-se o tipo de erro e não o número de pessoas que o cometeram uma ou mais vezes. A forma de tabulação dos dados levou ao cálculo de percentuais. Foi considerado como base do percentual o número de vezes em que a dificuldade fora oferecida no ditado.

Este capítulo, além de relacionar as tabelas com a especificação dos resultados, oferece uma descrição das mesmas, salientando os aspectos considerados mais expressivos em termos de percentuais.

As três primeiras tabelas oferecem dados de caráter mais geral (percentuais relativos às palavras escritas, palavras omitidas e percentuais dos sujeitos que erraram cada uma das palavras em relação às escritas). As tabelas de número 4 e 5 especificam os erros de apagamento. As tabelas de 6 a 20 discriminam erros de acréscimo, enquanto as de número 21 a 33 delineiam erros de permuta.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Na discriminação dos erros de permuta, no interior de algumas tabelas podem ser observados alguns itens cujos pares não apresentam ocorrências. Tais itens foram incluídos pelo fato de registrarem erros daquela natureza no estudo realizado por Bisol et alii (1975). Desse modo sua inclusão permite visualizar a diferença havida entre os dois estudos.

A - RESULTADOS GERAIS

1 - PALAVRAS ESCRITAS

TABELA 1

PERCENTUAIS DE SUJEITOS QUE ESCREVERAM CADA PALAVRA EM  
RELAÇÃO ÀS OFERECIDAS NO DITADO.

PALAVRAS	%
africano .....	50,52
água .....	58,94
ali .....	81,02
alma .....	60,00
altura .....	61,05
argentina .....	58,94
armada .....	56,84
baleia .....	65,26
boneca .....	60,00
calor .....	63,15
chamar .....	51,57
comido .....	58,94
dedo .....	74,73
despido .....	62,10
direito .....	58,94
disco .....	63,15
doer .....	55,78
dormir .....	58,94
esperar .....	60,00
fama .....	47,36
fermento .....	56,84
ferro .....	56,84
firma .....	57,89
folha .....	56,84
futuro .....	60,00
gelo .....	53,68
irmão .....	52,63
janela .....	57,89

PALAVRAS	%
lodo	63,15
lugar	61,05
meio	63,15
menino	73,68
morto	58,94
nervo	51,57
noite	57,89
pano	66,31
papel	64,21
pato	63,15
peixe	54,73
poder	53,68
preparo	64,21
rádio	60,00
rata	69,47
real	58,94
relógio	53,68
saída	55,78
saleira	61,05
sorvete	58,94
subir	47,36
ternura	60,00
terra	64,21
vaidade	64,21
valer	52,63
vela	37,89
velho	68,42
vento	64,21
ver	54,73
viver	58,94
vítima	65,26

Observando, na tabela 1, os percentuais das pessoas que escreveram cada uma das palavras do ditado, constata-se que a maioria das palavras (54 palavras) foi escrita por 50,00 a 69,00

dos sujeitos (25 palavras com índices entre 60,00 e 69,00 e 29 palavras entre 50,00 e 59,00).

A palavra "ali" obteve o maior índice percentual (81,02). As palavras "dedo" (74,73) e "menino" (73,68) seguiram-se a essa na ordem dos percentuais.

As palavras menos escritas foram "fama" e "subir" (ambas com 47,36) e "vela" (37,89).

A tabela 1 permite que se deduza, a partir de cem, o total de vezes que cada palavra foi omitida pelos sujeitos, mas não fornece as características de cada palavra; por isso a equipe do EB construiu outra tabela, a fim de possibilitar a visualização de tais características. É o que se pode observar na tabela seguinte.

## 2 - PALAVRAS OMITIDAS

TABELA 2

PERCENTUAIS DAS LETRAS CONTIDAS NAS PALAVRAS QUE DEIXARAM DE SER ESCRITAS PELOS SUJEITOS EM RELAÇÃO AOS TOTAIS OFERECIDOS PELO DITADO

LETRAS	%
CONSOANTES	
"b"	
Aférese pré-vocálica .....	37,36
Síncope pré-vocálica .....	52,63
SUB-TOTAL .....	42,45
"c"	
Aférese pré-vocálica .....	25,96
Síncope pré-vocálica .....	42,10
SUB-TOTAL .....	34,03

LETRAS	%
"ch"	
Afêrese pré-vocálica .....	48,42
SUB-TOTAL .....	48,42
"d"	
Afêrese pré-vocálica .....	44,91
Síncope pré-vocálica .....	38,12
SUB-TOTAL .....	40,84
"f"	
Afêrese pré-vocálica .....	40,03
Síncope em grupo .....	49,47
SUB-TOTAL .....	44,81
"g"	
Afêrese pré-vocálica .....	46,31
Síncope .....	41,84
SUB-TOTAL .....	42,73
"j"	
Afêrese pré-vocálica .....	42,10
SUB-TOTAL .....	42,10
"l"	
Afêrese pré-vocálica .....	18,42
Síncope pós-vocálica .....	39,47
Síncope pré-vocálica .....	45,84
Apócope .....	38,42
SUB-TOTAL .....	40,35
"lh"	
Síncope pré-vocálica .....	37,36
SUB-TOTAL .....	37,36
"m"	
Afêrese pré-vocálica .....	37,63
Síncope pré-vocálica .....	43,36
SUB-TOTAL .....	41,72

"n"	
Aférese pré-vocálica .....	45,26
Síncope pré-vocálica .....	37,36
Síncope pós-vocálica .....	40,00
SUB-TOTAL .....	39,19
"p"	
Aférese pré-vocálica .....	32,98
Aférese em grupo .....	35,78
Síncope pré-vocálica .....	37,36
SUB-TOTAL .....	34,83
"r"	
Aférese pré-vocálica .....	39,47
Síncope pré-vocálica .....	39,24
Síncope pós-vocálica .....	42,84
Síncope em grupo .....	43,85
Apócope consonantal .....	43,82
SUB-TOTAL .....	42,13
"rr"	
Síncope pré-vocálica .....	39,47
SUB-TOTAL .....	39,47
"s"	
Aférese pré-vocálica .....	44,21
Síncope pós-vocálica .....	38,24
SUB-TOTAL .....	41,65
"t"	
Aférese pré-vocálica .....	78,94
Síncope pré-vocálica .....	34,92
Síncope em grupo .....	46,31
SUB-TOTAL .....	42,03
"v"	
Aférese pré-vocálica .....	41,71
Síncope pré-vocálica .....	65,26
SUB-TOTAL .....	46,42

LETRAS	$\frac{q}{2}$
"x"	
Síncope pré-vocálica .....	45,26
SUB-TOTAL .....	45,26
TOTAL DE CONSOANTES .....	41,82
VOGAIS	
"a"	
Afêrese átona .....	23,68
Afêrese tônica .....	40,52
Síncope pretônica .....	41,05
Síncope tônica .....	46,88
Apócope átona .....	41,40
SUB-TOTAL .....	40,55
"e" fechado	
Afêrese átona .....	40,00
Síncope pretônica .....	39,06
Síncope tônica .....	44,07
Apócope átona .....	41,05
SUB-TOTAL .....	41,96
"e" aberto	
Síncope tônica .....	48,12
SUB-TOTAL .....	48,12
"i"	
Afêrese átona .....	47,36
Síncope tônica .....	44,21
Síncope pretônica .....	43,85
Síncope postônica .....	39,57
Apócope tônica .....	18,94
SUB-TOTAL .....	41,31
"o" fechado	
Síncope pretônica .....	42,28
Síncope tônica .....	40,00

Apócope átona .....	41,18
SUB-TOTAL .....	41,20
"o" aberto	
Síncope tônica .....	46,31
SUB-TOTAL .....	46,31
"u"	
Síncope pretônica .....	43,85
Síncope tônica .....	39,64
Síncope postônica .....	41,05
SUB-TOTAL .....	41,65
TOTAL DE VOGAIS .....	41,82
TOTAL GERAL .....	41,82

---

A tabela 2 permite visualizar as letras de acordo com a posição (aférese, síncope, apócope) em que aparecem nas palavras. Os percentuais revelam quais as letras que deixaram de ser escritas pelos sujeitos que omitiram as palavras.

Em relação às consoantes, as maiores dificuldades foram: o dígrafo "ch" (48,42), a letra "v" (46,42) e a letra "f" (44,81). As consoantes menos omitidas: "c" (34,03) e o dígrafo "lh" (37,36).

No que concerne às vogais, os maiores índices de omissão foram: "e" aberto (48,12), "o" aberto (46,31). As vogais menos omitidas: "a" (40,55) e as demais vogais, todas com índices de 41,00 aproximadamente.

### 3 - PALAVRAS ERRADAS

#### TABELA 3

PERCENTUAIS DOS SUJEITOS QUE ERRARAM CADA PALAVRA EM RELAÇÃO ÀS PALAVRAS ESCRITAS

## PALAVRAS

%

africano .....	45,83
água .....	26,78
ali .....	41,55
alma .....	29,82
altura .....	39,65
argentina .....	41,07
armada .....	24,07
baleia .....	22,58
boneca .....	24,56
calor .....	18,33
chamar .....	32,65
comido .....	23,21
dedo .....	21,12
despido .....	35,59
direito .....	44,64
disco .....	40,00
doer .....	24,52
dormir .....	35,71
esperar .....	31,57
fama .....	53,33
fermento .....	51,85
ferro .....	35,18
firma .....	30,90
folha .....	29,62
futuro .....	29,82
gelo .....	29,41
irmão .....	32,00
janela .....	23,63
lodo .....	18,33
lugar .....	18,96
meio .....	41,66
menino .....	32,85
metro .....	17,64
morto .....	35,71
nervo .....	28,57
noite .....	41,81
pano .....	23,80

PALAVRAS	%
papel .....	27,86
pato .....	11,66
peixe .....	48,07
poder .....	23,52
preparo .....	34,42
rádio .....	19,29
rata .....	10,60
real .....	23,21
relógio .....	50,98
saída .....	22,64
saleira .....	44,82
sorvete .....	60,71
subir .....	28,88
ternura .....	24,56
terra .....	57,37
vaidade .....	50,81
valer .....	38,00
vela .....	19,44
velho .....	46,15
vento .....	29,50
ver .....	32,69
viver .....	12,50
vítima .....	24,19

A tabela 3 apresenta os percentuais dos sujeitos que cometeram erros em cada uma das palavras do ditado.

As palavras que tiveram índices mais elevados de erros foram: "sorvete" (60,71), "relógio" (50,98), "terra" (57,37), "vaidade" (50,81), "fama" (53,33), "fermento" (51,85), "peixe" (48,07), "velho" (46,15) e "africano" (45,83). Por outro lado, as menos erradas foram: "rata" (10,60), "pato" (11,66), "metro" (17,64), "lodo" (18,33), "lugar" (19,96), "calor" (18,33), e "dedo" (21,12).

O percentual da maioria das palavras erradas (36 palavras)

atingiu índices que oscilam entre 20,00 e 40,00 dos sujeitos; sete palavras apresentam percentuais entre 41,00 e 45,00 dos sujeitos.

Observa-se também que os vocábulos que figuram entre os menos errados são todos dissílabos.

B - ERROS DE APAGAMENTO

TABELA 4

PERCENTUAIS DE APAGAMENTOS DE LETRAS NAS DIFERENTES POSIÇÕES  
EM RELAÇÃO AOS TOTAIS DAS PALAVRAS ESCRITAS

LETRAS	%
CONSOANTES	
Afêreses	
. pré-vocálicas	
"b" .....	-
"c" .....	-
"ch" .....	-
"d" .....	0,28
"f" .....	-
"g" .....	-
"j" .....	-
"l" .....	-
"m" .....	0,42
"n" .....	0,96
"p" .....	-
"r" .....	-
"s" .....	-
"t" .....	0,84
"v" .....	-
SUBTOTAL .....	0,14
. em grupo	
"p" .....	1,63
SUBTOTAL .....	1,63
TOTAL DE AFÉRESES .....	0,17
Síncopes	
. pré-vocálicas	
"b" .....	4,44

LETRAS	%
"c" .....	7,27
"d" .....	0,68
"g" .....	3,16
"l" .....	1,60
"lh" .....	3,36
"m" .....	2,04
"n" .....	3,57
"p" .....	4,20
"r" .....	2,97
"rr" .....	-
"t" .....	2,15
"v" .....	1,24
"x" .....	5,76
SUBTOTAL .....	2,48
. pós-vocálica	
"l" .....	20,00
"n" .....	33,91
"r" .....	17,49
"s" .....	19,88
SUBTOTAL .....	20,99
. em grupo	
"f" .....	-
"r" .....	15,62
"t" .....	-
SUBTOTAL .....	12,01
TOTAL DE SÍNCOPES .....	6,20
Apócopos	
"l" .....	5,98
"r" .....	11,75
SUBTOTAL .....	10,79
TOTAL DE APÓCOPES .....	10,79
TOTAL GERAL DAS CONSOANTES .....	4,65

LETRAS	%
VOGAIS	
Aféreses	
. átonas	
"a" .....	1,36
"e" .....	-
"i" .....	-
SUBTOTAL .....	1,00
. tônicas	
"a" .....	-
TOTAL DE AFÉRESES .....	0,77
Síncopes	
. pretônicas	
"a" .....	0,78
"e" .....	1,07
"i" .....	0,90
"o" .....	1,51
"u" .....	-
SUBTOTAL .....	0,94
. tônicas	
"a" .....	4,39
"e" fechado .....	4,03
"e" aberto .....	4,00
"i" .....	1,57
"o" fechado .....	0,35
"o" aberto .....	-
"u" .....	3,48
SUBTOTAL .....	2,94
. postônicas	
"i" .....	7,79

LETRAS	%
"u" .....	3,57
SUBTOTAL .....	7,38
TOTAL DE SÍNCOPES .....	2,79
Apócopes	
. átonas	
"a" .....	1,29
"e" .....	4,46
"o" .....	1,73
SUBTOTAL .....	1,80
. tônicas	
"i" .....	7,79
SUBTOTAL .....	7,79
TOTAL DE APÓCOPES .....	1,97
TOTAL GERAL DE VOGAIS .....	2,43
TOTAL GERAL .....	3,89

A tabela 4 relaciona percentuais de apagamento nas diferentes posições (aférese, síncope e apócope).

Observando o total geral da tabela, tem-se um percentual de 3,89; enquanto o percentual de apagamento de consoantes é de 4,65 e o de vogais 2,43.

Em relação às síncopes consonantais, constata-se que as maiores dificuldades referem-se às consoantes pós-vocálicas (20,99), apresentando as consoantes pré-vocálicas dificuldade menor (2,48). Relativamente às apócopas de consoantes, os percentuais são mais baixos (10,79). No que tange às aféreses consonantais, os resultados são inexpressivos (0,17).

Quanto às vogais, o percentual mais expressivo é o de síncope postônica (7,38), seguido da síncope tônica (2,94). Seguem-se

os erros de apócope em posição átona, com um percentual de 1,80. Os erros de afêrese de vogal apresentam índices mais baixos (0,77).

A partir dos resultados, a ordem decrescente de dificuldade, quer se trate de consoantes ou de vogais, é: síncope, apócope e afêrese.

TABELA 5

PERCENTUAL DOS APAGAMENTOS DE CADA LETRA OFERECIDA PELO DITADO EM RELAÇÃO ÀS PALAVRAS ESCRITAS

LETRAS	%
CONSOANTES	
"b"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Síncope pré-vocálica .....	4,44
SUBTOTAL .....	1,21
"c"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Síncope pré-vocálica .....	7,27
SUBTOTAL .....	4,27
"ch"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
SUBTOTAL .....	-
"d"	
Afêrese pré-vocálica .....	0,28
Síncope pré-vocálica .....	0,68
SUBTOTAL .....	0,53
"f"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Síncope em grupo .....	-
SUBTOTAL .....	-

LETRAS	%
"g"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Síncope pré-vocálica .....	3,16
SUBTOTAL .....	2,57
"j"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
SUBTOTAL .....	-
"l"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Síncope pós-vocálica .....	20,00
Síncope pré-vocálica .....	1,60
Apócope .....	5,98
SUBTOTAL .....	4,47
"lh"	
Síncope pré-vocálica .....	3,36
SUBTOTAL .....	3,36
"m"	
Afêrese pré-vocálica .....	0,42
Síncope pré-vocálica .....	2,04
SUBTOTAL .....	1,54
"n"	
Afêrese pré-vocálica .....	0,96
Síncope pré-vocálica .....	3,57
Síncope pós-vocálica .....	33,91
SUBTOTAL .....	10,11
"p"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Afêrese em grupo .....	1,63
Síncope pré-vocálica .....	4,20
SUBTOTAL .....	1,70
"r"	
Afêrese pré-vocálica .....	-

LETRAS	%
Síncope pré-vocálica .....	2,97
Síncope pós-vocálica .....	17,49
Síncope em grupo .....	15,62
Apócope consonantal .....	11,75
SUBTOTAL .....	11,77
"rr"	
Síncope pré-vocálica .....	-
SUBTOTAL .....	-
"s"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Síncope pós-vocálica .....	19,88
SUBTOTAL .....	9,02
"t"	
Afêrese pré-vocálica .....	0,84
Síncope pré-vocálica .....	2,25
Síncope em grupo .....	-
SUBTOTAL .....	1,96
"v"	
Afêrese pré-vocálica .....	-
Síncope pré-vocálica .....	1,24
SUBTOTAL .....	0,33
"x"	
Síncope pré-vocálica .....	5,76
SUBTOTAL .....	5,76
VOGAIS	
"a"	
Afêrese átona .....	1,36
Afêrese tônica .....	-
Síncope pretônica .....	0,78
Síncope tônica .....	4,39
Apócope átona .....	1,29
SUBTOTAL .....	2,00

LETRAS	%
"e" fechado	
Aférese átona .....	-
Síncope pretônica .....	1,07
Síncope tônica .....	4,03
Apócope átona .....	4,46
SUBTOTAL .....	3,10
"e" aberto	
Síncope tônica .....	4,00
SUBTOTAL .....	4,00
"i"	
Aférese átona .....	-
Síncope tônica .....	1,57
Síncope pretônica .....	0,90
Síncope postônica .....	7,79
Apócope tônica .....	7,79
SUBTOTAL .....	3,97
"o" fechado	
Síncope pretônica .....	1,51
Síncope tônica .....	0,35
Apócope átona .....	1,73
SUBTOTAL .....	1,49
"o" aberto	
Síncope tônica .....	-
SUBTOTAL .....	-
"u"	
Síncope pretônica .....	-
Síncope tônica .....	3,48
Síncope postônica .....	3,57
SUBTOTAL .....	2,06

A tabela 5 apresenta os mesmos dados da tabela 4, desta vez reagrupados, a fim de permitir a visualização das letras que foram mais apagadas.

Concernentemente às consoantes, os maiores índices de apagamento foram apresentados por "r" (11,77), "n" (10,11), "s" (9,02), "x" (5,76), "l" (4,47), "c" (4,27). E os menores: "v" (0,33), "d" (0,53), "b" (1,21). Há algumas consoantes sem ocorrência de apagamento: "f", "j" e os dígrafos "rr" e "ch".

Em relação às vogais, as maiores dificuldades verificadas foram: "e" aberto (4,00), "i" (3,97), "e" fechado (3,10), "u" (2,06) e as menores: "o" fechado (1,49), "a" (2,00). Não houve ocorrência de "o" aberto.

C - ERROS DE ACRÉSCIMO

1 - APOIO VOCÁLICO

TABELA 6

PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COMO APOIO VOCÁLICO

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
alma	-	-
altura	alatura	5,17
	alutura	1,72
argentina	-	-
armada	aramada	1,85
calor	-	-
chamar	chamara	2,02
despido	-	-
disco	disico	1,66
doer	-	-
dormir	dormire	5,35
	dormira	3,57
esperar	-	-
fermento	feramento	1,85
	feremento	1,85
firma	-	-
irmão	-	-
lugar	lugara	1,72
morto	-	-
nervo	-	-
papel	papele	4,91
poder	podere	1,96
real	reale	1,78
sorvete	sorevete	3,57
subir	-	-
ternura	-	-
valer	valere	4,00
vento	-	-
ver	vera	1,92

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
ver	vere	5,76
viver	vivera	3,57
	vivere	1,78
TOTAL		2,08

Na tabela 6, verifica-se o acréscimo de uma vogal como apoio vocálico, em sílabas fechadas por consoantes alveolares: "l", "r", "n", "s"; seja no interior ou no fim do vocábulo.

Tem-se um total percentual de 2,08. À primeira vista, o total não parece ser expressivo; porém, se comparado aos demais acréscimos ocorridos, constata-se que o apoio vocálico atinge os índices mais elevados.

## 2 - FORMAÇÃO DE DITONGO

### TABELA 7

#### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM FORMAÇÃO DE DITONGO ORAL

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
africano	afriacano	2,08
	africano	2,08
água	agua	3,57
ali	alia	1,29
	aili	1,29
baleia	baileia	1,61
dedo	dedou	2,81
	dedoi	1,40
	deido	1,40
direito	deireito	1,78
ferro	ferrou	1,85
futuro	feuturo	1,75

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
irmão	iermão	2,00
lodo	loudo	3,33
preparo	prepario	1,63
TOTAL		0,53

A tabela 7 especifica os casos de acréscimo de uma vogal ou semivogal, à esquerda ou à direita de uma vogal, dando origem a modificações silábicas pela formação de ditongos.

Como se pode observar, qualquer vocábulo do corpus oferece contexto para ocorrências do fenômeno descrito. No entanto, apenas em onze palavras se constata o fato e apenas três delas (africano, ali e dedo) apresentam mais de uma modificação.

### 3 - NASALAÇÃO DITONGADA

TABELA 8

#### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM NASALAÇÃO DITONGADA

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
africano	africãono	2,08
alma	-	-
argentina	-	-
armada	-	-
chamar	-	-
fama	-	-
firma	-	-
janela	-	-
pano	-	-
vítima	-	-
TOTAL	-	0,18

A tabela 8 apresenta o contexto em que a vogal "a", estando em sílaba aberta, recebe o acréscimo de uma vogal assilábica alta posterior, quando aquela estiver precedida ou seguida de consoante nasal. O resultado é a formação de um ditongo nasal.

Examinando a tabela, observa-se que o fenômeno apenas se registra em um dos nove contextos oferecidos, dando um percentual inexpressivo.

#### 4 - NASALAÇÃO PROGRESSIVA

TABELA 9

#### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM NASALAÇÃO PROGRESSIVA

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
africano	-	-
alma	-	-
argentina	-	-
armada	-	-
boneca	-	-
comido	-	-
fama	-	-
firma	-	-
irmão	irmãon	2,00
janela	-	-
menino	-	-
metro	-	-
noite	-	-
pano	-	-
ternura	-	-
vítima	-	-
TOTAL		0,11

A tabela 9 retrata o contexto em que, havendo uma consoante nasal no aclave da sílaba, repete-se o traço nasal no declive

da mesma.

Examinando a tabela, verifica-se um percentual de 0,11. Mais uma vez o resultado é pouco expressivo.

#### 5 - EPÊNTESE DE NASAL

TABELA 10

#### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM EPÊNTESE DE NASAL

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
água	angua	1,78
disco	dinsco	3,33
peixe	peinxé	1,92
velho	venlho	1,53
TOTAL		0,14

A tabela 10 relaciona os casos de acréscimo de uma consoante nasal depois de vogal que não seja átona final.

6 - REDUPLICAÇÃO REGRESSIVA E PROGRESSIVA DE CONSOANTES

TABELA 11

PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM REDUPLICAÇÃO REGRESSIVA E PROGRESSIVA DE CONSOANTES

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
ali	lali	1,29
doer	dorer	1,88
meio	meimo	3,33
	meino	1,66
pano	pnanos	1,58
real	relal	1,78
TOTAL		0,20

A tabela 11 apresenta o fenômeno de inserção de uma consoante idêntica a outra existente no vocábulo. O acréscimo pode dar-se antes ou depois da referida consoante.

Basicamente, a inserção poderia ter ocorrido em todas as palavras, porém, a ocorrência é verificada apenas em cinco vocábulos com um percentual de 0,20. Os resultados, como se pode ver, continuam baixos.

7 - REDUPLICAÇÃO DE VOGAL

TABELA 12

PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM REDUPLICAÇÃO DE VOGAL

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
irmão	iirmão	2,00
TOTAL		0,02

A tabela 12 apresenta a ocorrência de acréscimo de uma vogal que tem o mesmo valor de outra existente no vocábulo.

Todas as palavras do ditado oferecem contexto para a ocorrência desse erro. Tal registro é observado em apenas uma palavra, com percentual 0,02, o mais baixo de todos os casos de acréscimo.

#### 8 - REDUPLICAÇÃO DE CONSOANTE (GEMINAÇÃO)

TABELA 13

#### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMO COM REDUPLICAÇÃO DE CONSOANTE

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
disco	dissco	1,60
folha	folla	1,85
janela	janela	1,81
relógio	rellogio	3,92
TOTAL		0,14

A tabela 13 relaciona acréscimos de uma consoante com igual valor de outra existente no vocábulo. Em todas as palavras há contexto para esse tipo de erro, verificando-se a ocorrência em quatro palavras apenas, com percentual 0,14.

#### 9 - ACRÉSCIMO DE LÍQUIDA

TABELA 14

#### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMO DE LÍQUIDAS

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
baleia	baleira	1,61

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
	baleila	1,61
fama	falma	2,22
meio	meilo	1,66
	meiro	1,66
pano	palno	1,58
vaidade	vaidarde	1,63
TOTAL		0,20

A tabela 14 retrata os casos de acréscimo de uma líquida que ocorre antes e depois de uma vogal, acompanhada ou não de consoante.

Examinando os dados, tem-se um percentual de 0,20, considerando que todas as palavras oferecem contexto para a ocorrência de tal acréscimo.

#### 10 - DESMEMBRAMENTO DE ENCONTRO VOCÁLICO

TABELA 15

#### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM DESMEMBRAMENTO DE ENCONTRO VOCÁLICO

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
água	aguga	1,78
baleia	-	-
direito	-	-
irmão	irmano	6,00
meio	-	-
noite	-	-
peixe	-	-
rádio	-	-
relógio	-	-
saleira	-	-
vaidade	-	-
TOTAL		0,64

A tabela 15 registra o fenômeno de inserção de uma vogal assilábica ou de uma consoante no interior de ditongos, desmembrando-os.

Verifica-se um percentual de 0.64.

Examinando o interior da tabela, observa-se uma ocorrência (irmão → irmano com percentual de 6,00) que será comentada quando forem discutidos os resultados, no capítulo VI.

#### 11 - FORMAÇÃO DE GRUPO CONSONANTAL

##### TABELA 16

##### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMO COM FORMAÇÃO DE GRUPO CONSONANTAL

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
boneca	bonecra	1,75
pano	prano	1,58
preparo	prepraro	1,63
TOTAL		0,08

A tabela 16 apresenta a inserção de uma líquida no vocábulo, o que concorre para a formação de grupo consonantal.

Embora a maioria das palavras do corpus ofereça contexto para tal ocorrência, registram-se apenas três erros, com percentual de 0,08.

## 12 - REFORÇO DA LATERAL

TABELA 17

### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COM REFORÇO DA LATERAL

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
alma	-	-
altura	aaltura	1,72
papel	-	-
real	-	-
TOTAL		0,43

A tabela 17 apresenta a ocorrência de acréscimo de uma vogal alta posterior antes de uma lateral fechando sílaba.

Como se pode observar, novamente os percentuais parecem pouco significativos (0,43).

## 13 - REFORÇO DA PALATAL

TABELA 18

### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMOS COMO REFORÇO DA PALATAL

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
noite	noinhte	1,81
velho	velilho	3,07

A tabela 18, relativa ao reforço da palatal, apresenta ocorrências que envolvem dois fatores:

. inserção de uma consoante palatal, depois de vogal silábica ou assilábica;

. inserção de uma sílaba palatal antes de consoante lateral palatal.

Como a base do percentual não pode ser a mesma para ambos os casos, apresenta-se apenas os percentuais relativos a cada ocorrência, omitindo o total, mesmo porque os índices são baixos nos dois casos.

#### 14 - ACRÉSCIMO SILÁBICO

TABELA 19

##### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMO SILÁBICO

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
fama	famama	2,22
TOTAL		0,02

A tabela 19 apresenta o acréscimo de uma sílaba no fim do vocábulo.

Como se pode verificar, o percentual é, uma vez mais, insignificante: apenas 0,02.

#### 15 - ACRÉSCIMO DA LETRA "H"

TABELA 20

##### PERCENTUAIS DE ACRÉSCIMO DA LETRA "H"

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
armada	harmada	1,85
baleia	baleiha	1,61
lugar	luhgar	1,72

PALAVRA	OCORRÊNCIA	
meio	meiho	1,66
TOTAL		0,11

A tabela relaciona casos de inserção da letra "h" em diferentes ambientes.

Examinando-a, observa-se um percentual de 0,11 apenas.

D - ERROS DE PERMUTA

1 - SONORIZAÇÃO

TABELA 21

PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE SONORIZAÇÃO

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. t → d		
altura	aldura	3,44
argentina	argendina	5,35
direito	direido	3,57
fermento	-	-
futuro	fuduro	1,75
metro	medro	1,96
morto	mordo	8,92
pato	pado	6,66
rata	rada	3,03
sorvete	sorvede	1,78
ternura	-	-
terra	derra	1,63
vento	vendo	3,27
vítima	vidima	4,83
SUBTOTAL		3,32
2. d → T		
armada	armata	1,85
comido	-	-
dedo	deto	2,81
despido	tespido	3,38
direito	-	-
disco	tisco	3,33
doer	-	-
dormir	tormir	1,78
lodo	loto	1,66
poder	poter	3,92

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
radio	-	-
saída	saita	5,66
vaidade	vaidate	4,91
	vaitade	1,63
SUBTOTAL		2,22
3. k → g		
africano	afrigano	4,16
boneca	bonega	1,75
calor	galor	1,66
comido	-	-
disco	-	-
SUBTOTAL		1,42
4. g → k		
água	acua	5,35
lugar	lucar	10,34
SUBTOTAL		7,89
5. p → b		
despido	-	-
esperar	-	-
pano	-	-
papel	-	-
pato	-	-
peixe	-	-
poder	boder	1,96
preparo	breparo	3,27
SUBTOTAL		0,64
6. b → p		
baleia	paleia	3,22
boneca	poneca	1,75
subir	supir	4,44
SUBTOTAL		3,04

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
7. f + v		
africano	-	-
fama	vama	2,22
fermento	vermento	7,40
ferro	-	-
firma	virma	1,81
folha	volha	1,85
futuro	-	-
SUBTOTAL		1,90
8. v + f		
nervo	-	-
sorvete	-	-
vaidade	faidade	8,19
valer	faler	2,00
vela	fela	2,77
velho	felho	1,53
vento	-	-
ver	-	-
vítima	fitima	1,61
viver	-	-
SUBTOTAL		1,64
9. ã + ž		
chamar	jamar	6,12
peixe	peije	3,84
SUBTOTAL		4,95
10. ž + ã		
argentina	-	-
gelo	-	-
janela	-	-
relógio	reloxo	1,96
SUBTOTAL		0,46

PALAVRA	OCORRÊNCIA	f
11. s → z		
subir	zubir	6,66
saída	-	-
sorvete	-	-
saleira	-	-
SUBTOTAL		1,41
TOTAL		2,22

A tabela 21 apresenta resultados de permutas, levando em consideração, em cada par de elementos permutados, o comportamento das cordas vocais: a troca de surda por sonora ou vice-versa. Os pares apresentam o mesmo ponto e o mesmo modo de articulação. O contexto em que se dá a permuta é o início da sílaba.

Observando o total geral, verificam-se índices correspondentes a 2,22. Examinando os subtotais de cada par, o percentual mais alto apresentado é k + g : 7,89. Na ordem decrescente, o segundo percentual é  $\tilde{s}$  +  $\tilde{z}$  : 4,95, seguindo-se outros percentuais: t + d e b + p com 3,32 e 3,04 respectivamente. Entre os percentuais mais baixos, encontram-se p + b e  $\tilde{z}$  +  $\tilde{s}$  com 0,64 e 0,46 respectivamente.

## 2 - PALATALIZAÇÃO

TABELA 22

### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE PALATALIZAÇÃO

PALAVRA	OCORRÊNCIA	f
1. $\tilde{s}$ + s		
chamar	samar	6,12
peixe	peice	1,92
SUBTOTAL		3,96
100		

PALAVRA	OCORRÊNCIA	f
2. $\tilde{z} \rightarrow \{z_s\}$		
argentina	arzentina	1,78
gelo	zelo	21,56
	selo	3,92
janela	zanela	1,81
	sanela	1,88
relógio	relozio	1,96
SUBTOTAL		5,32
3. $s \rightarrow \tilde{s}$		
saída	-	-
saleira	chaleira	10,34
	xaleira	3,44
sorvete	-	-
subir	-	-
SUBTOTAL		3,77
4. $n \rightarrow \tilde{n}$		
africano	-	-
argentina	-	-
boneca	-	-
janela	-	-
menino	-	-
pano	-	-
ternura	-	-
SUBTOTAL		-
5. $\tilde{l} \rightarrow l$		
folha	fola	14,81
velho	velo	15,38
SUBTOTAL		15,12
6. $l \rightarrow \tilde{l}$		
ali	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	§
12. $t \rightarrow \{\tilde{s}\}$		
argentina	-	-
noite	-	-
sorvete	-	-
vítima	-	-
SUBTOTAL	-	-
13. $\tilde{s} \rightarrow t$		
peixe	peite	1,92
SUBTOTAL		1,92
14. $m \rightarrow \bar{l}$		
comido	-	-
SUBTOTAL		-
TOTAL		6,32

Os elementos permutados na tabela 22 diferem na realização do traço da palatalização: enquanto um é palatal, o outro não o é. Esses elementos apresentam pontos de articulação próximos. Nos pares de 1 a 8 e no par de número 10, a permuta dá-se no início da sílaba. No par de número 9, a troca ocorre se o primeiro elemento estiver precedido de "e" e seguido de vogal. Nos demais pares, haverá permuta se o primeiro elementos estiver seguido de "i".

O resultado total de erros é de 6,32. Tendo em vista os percentuais relativos a erros de permuta, este é o segundo na ordem decrescente.

Em alguns casos, registram-se percentuais numericamente significativos ( $\bar{l} \rightarrow l$  : 15,12 e  $\bar{l} \rightarrow ly$  : 14,28); enquanto em outros casos, o percentual é quase nulo ( $y \rightarrow \bar{l}$  : 0,81 e  $\tilde{s} \rightarrow t$  : 1,92), ou totalmente nulo ( $n \rightarrow \bar{n}$  ;  $l \rightarrow \bar{l}$  ;  $\tilde{s} \rightarrow y$  ;  $\bar{l} \rightarrow y$  ;  $d \rightarrow \{\tilde{z}\}$  ;  $t \rightarrow \{\tilde{s}\}$  ;  $m \rightarrow \bar{l}$

O segundo par da tabela que apareceu no EB ( $\tilde{z} \rightarrow z$ ) foi acrescido aqui com mais um elemento ( $\tilde{z} \rightarrow \{\frac{z}{s}\}$ ).

Os dados parecem indicar que a palatalização, ao menos sob certo aspecto, constitui problema para os sujeitos desta amostra.

### 3 - VIBRANTE

TABELA 23

#### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE VIBRANTE

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. l $\rightarrow$ { $\frac{l}{r}$ }		
ali	-	-
alma	arma	1,75
altura	artura	1,72
baleia	-	-
calor	-	-
gelo	-	-
janela	-	-
lodo	-	-
lugar	-	-
papel	-	-
real	rear	1,78
relógio	rerogio	1,96
saleira	-	-
valer	varer	6,00
vela	-	-
SUBTOTAL		0,82
2. r $\rightarrow$ l		
africano	aflicano	8,33
altura	altula	1,72
direito	-	-
esperar	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	§
futuro	-	-
metro	-	-
preparo	-	-
saleira	-	-
ternura	-	-
SUBTOTAL		1,00
3. $\bar{r} \rightarrow l$		
argentina	-	-
armada	-	-
calor	calol	1,66
chamar	-	-
doer	-	-
dormir	-	-
esperar	-	-
fermento	-	-
ferro	-	-
firma	-	-
irmão	-	-
lugar	lugal	3,44
morto	-	-
nervo	-	-
poder	-	-
rádio	-	-
rata	lata	1,51
real	-	-
relógio	-	-
sorvete	-	-
subir	-	-
ternura	telnura	1,75
terra	-	-
valer	-	-
ver	vel	3,84
viver	-	-
SUBTOTAL		0,49

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
4. $\tilde{r} \rightarrow r$		
ferro	fero	25,92
terra	tera	47,54
SUBTOTAL		37,39
5. $r \rightarrow \tilde{r}$		
altura	-	-
direito	-	-
esperar	-	-
futuro	-	-
preparo	-	-
saleira	-	-
ternura	-	-
SUBTOTAL		-
6. $d \rightarrow \left\{ \begin{matrix} \tilde{r} \\ r \end{matrix} \right\}$		
armada	-	-
comido	-	-
dedo	-	-
despido	-	-
direito	-	-
disco	-	-
doer	-	-
dormir	-	-
lodo	-	-
poder	-	-
rádio	-	-
saída	-	-
vaidade	-	-
SUBTOTAL		-
7. $r \rightarrow d$		
altura	altuda	1,72
direito	-	-
esperar	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
futuro	-	-
poder	-	-
preparo	-	-
saleira	-	-
ternura	-	-
SUBTOTAL		0,21
8. ã → rr		
argentina	arrgentina	1,78
armada	armada	1,85
calor	-	-
chamar	-	-
doer	-	-
dormir	-	-
esperar	-	-
fermento	ferrmento	5,55
firma	-	-
irmão	-	-
lugar	-	-
morto	morrto	1,78
nervo	-	-
poder	-	-
rádio	rradio	3,50
rata	rrata	1,51
real	-	-
relógio	rrelógio	1,96
sorvete	sorrvete	1,78
subir	-	-
ternura	-	-
valer	-	-
ver	-	-
viver	-	-
SUBTOTAL		0,87
TOTAL		1,53

Na tabela 23, são apresentadas consoantes que têm o mesmo ponto de articulação e o mesmo comportamento das cordas vocais, quais sejam: "d", "l", "r", "rr"; mas diferem quanto ao traço "vibrante simples ou múltipla": enquanto um elemento do par possui este traço, o outro não o possui.

O ambiente em que ocorre a mudança pode ser no início, no fim ou no interior da sílaba, variando os elementos permutados de acordo com os contextos.

Com relação ao total geral, tem-se um percentual de 1,53. Examinando o interior da tabela, constata-se um percentual bastante elevado ( $\tilde{r} \rightarrow r$ : 37,39). A segunda ocorrência na ordem decrescente de dificuldade é  $r \rightarrow l$  : 1,00.

Em dois dos pares pautados pelo EB, não se registram erros no presente estudo ( $r \rightarrow \tilde{r}$  e  $d \rightarrow \{\frac{\tilde{r}}{r}\}$  ).

Com base nos dados, poder-se-ia adiantar que apenas um dos aspectos relativos à vibrante parece ter relevância, isto é, a troca da vibrante múltipla pela simples na posição medial.

#### 4 - BILABIALIDADE

TABELA 24

#### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE BILABIALIDADE

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. p → k		
despido	-	-
esperar	-	-
pano	cano	4,76
papel	-	-
pato	-	-
peixe	-	-
poder	coder	3,92

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
preparo	-	-
SUBTOTAL		1,07
2. k → p		
africano	-	-
boneca	-	-
calor	-	-
comido	-	-
disco	-	-
SUBTOTAL		-
3. p → t		
despido	destido	20,33
esperar	-	-
pano	tano	3,17
papel	-	-
pato	-	-
peixe	teixe	3,84
poder	toder	1,96
preparo	treparo	4,91
SUBTOTAL		4,31
4. t → p		
altura	-	-
direito	-	-
fermento	-	-
futuro	-	-
metro	-	-
morto	-	-
pato	-	-
rata	-	-
ternura	-	-
terra	-	-
vento	vempo	1,66
SUBTOTAL		0,32
TOTAL		2,10

Na tabela 24, aparecem somente consoantes oclusivas surdas.  
Diferem quanto ao ponto de articulação.

Constata-se um total geral de 2,10. Dos quatro pares permutados, o que apresenta maior índice é  $p \rightarrow t$  : 4,31, seguindo-se  $p \rightarrow k$  e  $t \rightarrow p$  : 1,07 e 0,32 respectivamente.

Com relação à permuta  $k \rightarrow p$  ocorrida no EB, não há registro nesta amostra.

## 5 - LATERALIDADE

TABELA 25

### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE LATERALIDADE

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. $n \rightarrow l$		
africano	-	-
argentina	-	-
boneca	-	-
janela	jalela	1,81
menino	-	-
nervo	-	-
noite	-	-
pano	-	-
ternura	-	-
SUBTOTAL		0,19
2. $l \rightarrow n$		
ali	ani	1,29
baleia	-	-
calor	-	-
gelo	-	-
janela	-	-
lodo	-	-
lugar	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
relógio	-	-
saleira	-	-
valer	-	-
vela	-	-
SUBTOTAL		0,16
3. d → l		
armada	-	-
comido	-	-
dedo	-	-
despido	-	-
direito	-	-
disco	-	-
doer	-	-
dormir	-	-
lodo	-	-
poder	-	-
rádio	-	-
saída	-	-
vaidade	-	-
SUBTOTAL		-
4. l → d		
ali	-	-
baleia	-	-
calor	-	-
gelo	-	-
janela	-	-
lodo	-	-
lugar	-	-
relógio	-	-
saleira	-	-
valer	-	-
vela	veda	11,11
SUBTOTAL		0,64

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
5. l → w		
alma	auma	1,75
altura	autura	3,44
papel	papeu	1,63
real	reau	3,57
SUBTOTAL		2,58
6. ã → ñ		
folha	-	-
velho	-	-
SUBTOTAL		-
7. N → l		
argentina	-	-
fermento	-	-
vento	velto	6,55
SUBTOTAL		2,33
TOTAL		0,74

A tabela 25 apresenta os casos de permutas de consoantes que possuem o traço lateral com outras que não o possuem; portanto, a diferença reside no modo de articulação, sendo semelhantes quanto ao ponto de articulação.

O total geral não ultrapassa o percentual de 0,74. Observando a parte interna da tabela, constata-se que o número de incidências é, em geral, baixo. O erro que alcança maior índice é l → w : 2,58. Segue-se N → l : 2,33. Os demais casos: l → d, n → l e l → n apresentam, respectivamente, os percentuais 0,64; 0,19 e 0,16.

Há um registro (d → l) que, não obstante ocorrer no EB, não aparece nos sujeitos desta amostra.

A ocorrência  $N \rightarrow 1$ , que s $\tilde{o}$  se registra neste estudo, ser $\tilde{a}$  comentada na se $\tilde{c}$ o de discuss $\tilde{a}$ o dos resultados.

## 6 - MODO DE ARTICULA $\tilde{C}$ AO

TABELA 26

### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DO MODO DE ARTICULA $\tilde{C}$ AO

PALAVRA	OCORR $\tilde{E}$ NCIA	%
1. b $\rightarrow$ m		
baleia	-	-
boneca	-	-
preparo	-	-
subir	-	-
SUBTOTAL	-	-
2. m $\rightarrow$ $\left. \begin{matrix} b \\ l \\ v \end{matrix} \right\}$		
alma	-	-
armada	-	-
chamar	-	-
comido	-	-
dormir	-	-
fama	-	-
fermento	-	-
firma	-	-
irm $\tilde{a}$ o	-	-
meio	-	-
menino	-	-
metro	-	-
morto	-	-
v $\tilde{i}$ tima	-	-
SUBTOTAL	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
3. d → { <sup>n</sup> / <sub>v</sub> }		
armada	-	-
comido	-	-
dedo	-	-
despido	vespido	22,03
SUBTOTAL		5,41
4. n → d		
africano	-	-
argentina	-	-
boneca	-	-
janela	-	-
menino	-	-
nervo	-	-
noite	doite	1,81
pano	-	-
ternura	-	-
SUBTOTAL		0,19
5. v → { <sup>b</sup> / <sub>d</sub> }		
nervo	-	-
sorvete	-	-
vaidade	-	-
valer	baler	2,00
vela	-	-
velho	-	-
vento	-	-
ver	der	1,92
vítima	ditima	1,61
viver	diver	1,78
SUBTOTAL		0,42
6. b → v		
baleia	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	§
boneca	-	-
subir	-	-
SUBTOTAL		-
7. f → { <sub>t</sub> <sup>p</sup> }		
africano	apricano	2,08
fama	-	-
fermento	-	-
ferro	-	-
firma	-	-
folha	-	-
futuro	-	-
SUBTOTAL		0,27
8. p → f		
despido	-	-
esperar	-	-
pano	-	-
papel	-	-
pato	fato	3,33
peixe	feixe	3,84
poder	-	-
preparo	-	-
SUBTOTAL		0,86
9. t → { <sub>s</sub> <sup>f</sup> }		
altura	-	-
argentina	-	-
direito	-	-
fermento	-	-
futuro	-	-
metro	-	-
noite	-	-
pato	paso	3,33

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
rata	-	-
sorvete	-	-
ternura	-	-
terra	ferra	1,63
	serra	1,63
vento	-	-
vítima	-	-
SUBTOTAL		0,43
10. s → t		
saída	-	-
saleira	taleira	1,72
sorvete	-	-
subir	-	-
SUBTOTAL		0,47
TOTAL		0,81

Nos pares apresentados na tabela 26, existem oposições relativas ao modo de articulação. Os elementos dos pares formam-se na parte anterior da boca e têm o mesmo traço quanto ao comportamento das cordas vocais.

Observando-se, em primeiro lugar, o total geral, tem-se um percentual de 0,81. No interior da tabela, os resultados também não são expressivos ( $n \rightarrow d$  : 0,19 ;  $f \rightarrow \left\{ \begin{smallmatrix} p \\ t \end{smallmatrix} \right\}$  : 0,27 ;  $v \rightarrow \left\{ \begin{smallmatrix} b \\ d \end{smallmatrix} \right\}$  : 0,42 ;  $t \rightarrow \left\{ \begin{smallmatrix} f \\ s \end{smallmatrix} \right\}$  : 0,43 ;  $p \rightarrow f$  : 0,86).

Um par, apenas, se destaca ( $d \rightarrow \left\{ \begin{smallmatrix} n \\ v \end{smallmatrix} \right\}$  : 5,41). Todavia, dado o contexto em que ocorre, não parece tratar-se de problema específico da amostra. Na discussão dos resultados, serão feitas considerações a respeito da ocorrência.

Em três dos pares registrados no EB, não há ocorrências neste estudo ( $b \rightarrow m$  ;  $m \rightarrow \left\{ \begin{smallmatrix} b \\ l \\ v \end{smallmatrix} \right\}$  e  $b \rightarrow v$ ).

Ampliou-se o par  $v \rightarrow b$  do EB para  $v \rightarrow \left\{ \begin{matrix} b \\ d \end{matrix} \right\}$  no presente estudo.

## 7 - MUDANÇA DE ESTRUTURA SILÁBICA

TABELA 27

### PERCENTUAIS DE PERMUTAS DE MUDANÇA DE ESTRUTURA SILÁBICA

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
baleia	balea	8,06
direito	direto	25,00
irmão	irmã	2,00
meio	meo	18,33
noite	note	25,45
peixe	pexe	26,92
saleira	salera	18,96
vaidade	vadade	31,14
TOTAL		19,60

A tabela 27 apresenta a mudança de estrutura silábica, ocasionada pela omissão da semivogal, em sílabas com ditongo decrescente.

O percentual total é, nesta tabela, bastante expressivo (19,60). Observa-se também certo equilíbrio nos resultados do interior da tabela.

Os dados parecem informar que o ditongo decrescente constitui problema para os sujeitos desta amostra.

## 8 - VOGAIS FINAIS

TABELA 28

## PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DAS VOGAIS FINAIS

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. o → u		
africano	-	-
comido	comidu	3,57
dedo	-	-
despido	-	-
direito	-	-
disco	discu	1,66
fermento	-	-
ferro	-	-
futuro	futuru	1,75
gelo	-	-
irmão	irmau	4,00
lodo	-	-
meio	-	-
menino	-	-
metro	-	-
morto	mortu	1,78
nervo	-	-
pano	-	-
pato	-	-
preparo	-	-
rádio	radiu	1,75
relógio	relogiu	1,96
velho	-	-
vento	-	-
SUBTOTAL		0,65
2. e → i		
noite	noiti	18,18
peixe	-	-
sorvete	sorveti	17,85

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
vaidade	vaidadi	11,47
SUBTOTAL		12,05
3. o → e		
africano	-	-
comido	-	-
dedo	-	-
despido	-	-
direito	-	-
disco	-	-
fermento	-	-
ferro	-	-
futuro	-	-
gelo	-	-
irmão	-	-
lodo	-	-
meio	-	-
menino	-	-
metro	-	-
morto	-	-
nervo	-	-
pano	-	-
pato	-	-
préparo	-	-
rádio	-	-
relôgio	reloge	7,84
velho	-	-
vento	-	-
SUBTOTAL		0,28
TOTAL		1,34

A tabela 28 apresenta resultados alusivos às vogais em posição âtona final que, por perderem traços distintivos, ficam reduzidas a três, tendo os fones características em comum: [o] e [u] de um lado; [e] e [i] de outro.

Observando-se o total geral, tem-se um percentual de 1,34. Atentando para os resultados do interior da tabela, encontra-se um par (e → i) que evidencia o maior percentual (12,05). Os dois pares restantes apresentam percentuais baixos (o → u : 0,65 e o → e : 0,28).

A realização de "i" em lugar de "e", em posição final, parece constituir problema para os alfabetizando desta região.

## 9 - VOGAL NASAL

TABELA 29

### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE VOGAL NASAL

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. a → { <sup>e</sup> <sub>o</sub> }		
africano	-	-
chamar	-	-
fama	fema	2,22
janela	-	-
pano	peno	3,17
	pono	11,11
SUBTOTAL		3,09
2. e → o		
argentina	-	-
fermento	-	-
menino	monino	1,42
vento	-	-
SUBTOTAL		0,41
TOTAL		1,95

A tabela 29 especifica resultados devidos a dois fatores:

- . a vogal baixa é levantada e fechada por influência da consoante nasal seguinte;
- . a vogal anterior torna-se posterior por influência da consoante seguinte.

O total geral relativo à vogal nasal, apresenta um percentual de 1,59. No primeiro caso (a → {<sup>e</sup><sub>o</sub>}), registra-se um percentual de 3,09; superior, portanto, ao do segundo caso (e → o), que apresenta índices de 0,41.

## 10 - ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA

TABELA 30

### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1.		
dormir	-	-
ferro	farro	1,85
firma	ferma	3,63
	farma	1,81
irmão	-	-
metro	matro	3,92
subir	-	-
terra	tarra	9,83
SUBTOTAL		2,81
2.		
argentina	argintina	3,57
comido	-	-
despido	-	-
dormir	-	-
menino	minino	2,85

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
poder	-	-
sorvete	survete	1,78
SUBTOTAL		1,23
3.		
africano	-	-
ali	-	-
altura	-	-
argentina	-	-
baleia	-	-
boneca	bonaca	3,50
calor	calar	1,66
comido	-	-
dedo	dodo	5,63
despido	despedo	1,69
direito	dereito	1,78
disco	-	-
doer	deer	1,88
dormir	-	-
esperar	-	-
fermento	-	-
ferro	-	-
firma	-	-
folha	-	-
gelo	-	-
irmão	-	-
janela	janala	1,81
lodo	-	-
lugar	-	-
meio	-	-
menino	meneno	2,85
metro	-	-
morto	-	-
nervo	nerve	4,08
noite	-	-
pano	-	-
papel	pepel	1,63

PALAVRA	OCORRÊNCIA	§
pato	-	-
peixe	-	-
poder	-	-
preparo	-	-
rádio	-	-
real	-	-
relógio	-	-
saída	-	-
saleira	-	-
sorvete	servete	1,78
subir	-	-
ternura	-	-
vaidade	-	-
valer	valar	4,00
vela	vala	13,88
velho	-	-
vítima	vitama	3,22
viver	-	-
SUBTOTAL		0,91
4.		
água	agoa	3,57
altura	altora	5,17
futuro	futoro	14,03
lugar	logar	1,72
subir	sobir	11,11
ternura	ternora	3,50
SUBTOTAL		6,34
5.		
rata	-	-
vítima	vetima	3,22
	vitema	1,61
SUBTOTAL		1,57
TOTAL		1,67

A tabela 30 apresenta os resultados alusivos à assimilação vocálica.

Observam-se dois processos:

- . assimilação - substituição de um elemento do vocábulo, repetindo-se uma vogal;
- . dissimilação - substituição de um ou mais elementos iguais ou semelhantes no vocábulo a fim de evitar repetição.

Na tabela, o fenômeno da assimilação vocálica apresenta cinco aspectos diferentes, conforme os números de 1 a 5:

1. a vogal anterior torna-se aberta, quando ocorre antes de vibrante;
2. a vogal média torna-se alta, quando ocorre antes de vogal alta acentuada;
3. há a substituição de uma vogal, repetindo-se outra existente no vocábulo;
4. dá-se o abaixamento da vogal posterior;
5. verifica-se a dissimilação.

Analisando as permutas de vogais, explicáveis por assimilação, constata-se um total geral de 1,67. Examinando os resultados parciais, verifica-se que as ocorrências constantes no número 4 apresentam o percentual mais elevado (6,34). Seguem-se na ordem: número 1 (2,81), número 5 (1,75), número 2 (1,23) e, finalmente, a ocorrência número 3 (0,91).

Com exceção das ocorrências de número 4 que, comparadas às demais da tabela, parecem traduzir resultados significativos, dir-se-ia que a tendência dos dados é indicar que a assimilação não constitui maiores problemas para os sujeitos desta amostra.

## 11 - LETRAS MULTIVALENTES

TABELA 31

## PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE LETRAS MULTIVALENTES

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. x → ch		
peixe	peiche	7,69
SUBTOTAL		7,69
2. ch → x		
chamar	xamar	8,16
SUBTOTAL		8,16
3. s → x		
despido	-	-
disco	-	-
esperar	-	-
SUBTOTAL		-
4. s → c		
saída	caída	15,09
saleira	caleira	3,44
sorvete	corvete	5,35
subir	cubir	6,66
SUBTOTAL		6,03
5. g → j		
argentina	arjentina	14,28
gelo	jelo	11,76
relógio	relojio	19,60
SUBTOTAL		15,18

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
6. j → g		
janela	ganela	10,90
SUBTOTAL		10,90
7. c → qu		
africano	-	-
boneca	-	-
calor	-	-
comido	-	-
disco	-	-
SUBTOTAL		-
TOTAL		9,32

A tabela 31 apresenta as permutas de consoantes, originadas pela confusão entre letras de relação multívoca com os fonemas.

Examinando a tabela, verifica-se um percentual de 9,32. Atentando para os resultados parciais da mesma, com exceção de dois pares (s → x e c → qu) que não apresentam ocorrências, os demais evidenciam índices consideráveis. A maior dificuldade que se constata é g → j e j → g com 15,18 e 10,90, respectivamente. Os demais casos (ch → x, x → ch, s → c) também apresentam percentuais com números ainda expressivos (8,16; 7,69; 6,03 respectivamente).

Os dados parecem evidenciar a dificuldade que os sujeitos apresentam com as chamadas letras multivalente.

## 12 - TROCA VISUAL

### TABELA 32

#### PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE TROCAS VISUAIS

PALAVRA	OCORRÊNCIA	§
1. d → b		
armada	-	-
comido	-	-
dedo	-	-
despido	-	-
direito	-	-
disco	bisco	3,33
doer	-	-
dormir	-	-
lodo	lobo	10,00
poder	-	-
rádio	-	-
vaidade	-	-
SUBTOTAL		1,15
2. b → d		
baleia	-	-
boneca	doneca	3,50
subir	sudir	2,22
SUBTOTAL		1,82
3. b → l		
baleia	-	-
boneca	loneca	1,75
subir	sulir	2,22
vela	-	-
SUBTOTAL		1,00
4. l → b		
ali	-	-
baleia	-	-
calor	cabor	1,66
gelo	-	-
janela	-	-
lodo	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	§
lugar	-	-
relógio	-	-
saleira	-	-
valer	-	-
vela	-	-
SUBTOTAL		0,16
5. c → ç		
africano	-	-
boneca	-	-
calor	-	-
comido	-	-
disco	-	-
SUBTOTAL		-
6. ch → cl		
chamar	-	-
SUBTOTAL		-
7. a → o		
africano	ofricano	2,08
água	-	-
ali	-	-
alma	-	-
altura	-	-
argentina	-	-
armada	-	-
baleia	-	-
boneca	-	-
calor	-	-
chamar	-	-
esperar	esperor	1,75
fama	famo	2,22
firma	firno	3,63
folha	-	-
janela	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
lugar	-	-
pano	-	-
pato	-	-
papel	-	-
preparo	-	-
rádio	-	-
rata	rato	1,51
real	reol	3,57
saída	-	-
saleira	-	-
ternura	-	-
terra	-	-
vaidade	-	-
valer	-	-
vela	-	-
vítima	-	-
SUBTOTAL		0,44
8. o + a		
africano	-	-
boneca	-	-
calor	-	-
comido	-	-
dedo	deda	1,40
despido	-	-
direito	-	-
disco	-	-
doer	-	-
dormir	-	-
fermento	-	-
ferro	-	-
folha	-	-
futuro	-	-
gelo	-	-
lodo	lado	3,33
meio	-	-

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
gelo	-	-
janela	-	-
metro	-	-
papel	-	-
poder	podir	1,96
preparo	-	-
real	-	-
relógio	relogeo	5,88
sorvete	-	-
ternura	-	-
terra	-	-
valer	valir	2,00
vela	-	-
velho	-	-
vento	-	-
ver	vir	3,84
SUBTOTAL		0,65
TOTAL		0,87

A tabela 32 indica as trocas de letras por semelhanças gráficas.

Observando o total geral, nota-se que é pouco expressivo (0,87), como, aliás, o são os totais parciais. O subtotal mais elevado é  $i \rightarrow e$  : 4,18. Os demais variam entre  $l \rightarrow b$ : 0,16 e  $b \rightarrow d$  : 1,82.

Há dois pares que não apresentaram ocorrências neste estudo ( $c \rightarrow \ç$  e  $ch \rightarrow cl$ ), não obstante tenham ocorrido no EB.

## 13 - AMBÍGUA

TABELA 33

## PERCENTUAIS DAS PERMUTAS DE AMBÍGUA

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
1. n → m		
africano	africano	4,16
argentina	-	-
boneca	bomeca	1,75
fermento	-	-
janela	-	-
menino	menimo	2,85
	memino	8,57
nervo	mervo	4,08
noite	moite	5,45
pano	pamo	4,76
ternura	termura	10,52
vento	-	-
SUBTOTAL		3,94
2. m → n		
alma	alna	8,77
armada	arnada	3,70
chamar	-	-
comido	conido	12,50
dormir	dornir	8,92
fama	fana	11,11
fermento	fermento	1,85
firma	firna	5,45
irmão	-	-
meio	neio	20,00
menino	nenino	4,28
metro	-	-
morto	norto	8,92

PALAVRA	OCORRÊNCIA	%
vítima	vitina	6,45
SUBTOTAL		6,70
TOTAL		5,46

As permutas registradas na tabela 33 referem-se a confusões entre consoantes nasais e podem ser ocasionadas por dois fatores:

- . fonológico - os pares apenas diferem quanto ao ponto de articulação;
- . ortográfico - confusão entre letras de forma semelhante.

Examinando o total geral da tabela, verifica-se um percentual de 5,46. Entre os dois totais parciais, o par m + n apresenta índices mais elevados (6,70), enquanto o par n + m registra um percentual de 3,94.

Depreende-se dos dados acima que os sujeitos desta amostra apresentam dificuldade em distinguir as consoantes nasais.

#### IV - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

No presente capítulo, além de proceder à discussão dos resultados dispostos nas diferentes tabelas, far-se-á, em determinados aspectos, um confronto com os resultados obtidos nas outras regiões dialetológicas pesquisadas por Bisol et alii (1975). Tal cotejo não poderia ser exaustivo porque, para se comparar, de forma detalhada, todos os percentuais, levando em consideração os respectivos grupos das três regiões aludidas, seria necessária outra dissertação.

A fim de examinar as possíveis relações entre a escrita e a fala, a equipe do EB utilizou critérios mistos ora falando em letra, ora em fonema. Os mesmos critérios são usados neste estudo, considerando, ainda, que a compreensão de como funciona a grafia só pode ser obtida por referência à fonia.

##### A - RESULTADOS GERAIS

Aplicando o instrumento a alunos em fase de escolarização tardia, frequentando o último mês de alfabetização, na cidade de Livramento, esperava-se que, à semelhança do que ocorrera nas regiões supracitadas (tabela 3, p. 26), a maior parte das palavras do ditado fossem escritas pela maioria dos sujeitos, por tratar-se de vocábulos pertencentes ao nível mais baixo da Escala Ortográfica. Esperava-se, outrossim, que ocorressem erros peculiares aos sujeitos desta amostra, em virtude da situação de línguas em contato.

No entanto, como se pode observar na tabela 1, com relação às

palavras escritas, os resultados não corresponderam às expectativas: a maior parte dos vocábulos não atingiu índices de 70,00. Cotejados os percentuais desta tabela com os da tabela 3 do EB (p. 26), observa-se que naquela pesquisa os percentuais de palavras escritas, com exceção daqueles relativos a dois grupos de Porto Alegre, estão acima de 80,00.

Constatado o baixo rendimento dos sujeitos desta amostra, julgou-se que a dificuldade poderia provir da constituição de certas palavras. Em outros termos, vocábulos mais extensos ou com maior número de sílabas poderiam representar um grau maior de dificuldade para os alfabetizando.

Entretanto, analisando a estrutura dos vocábulos mais apagados e menos apagados, verificou-se que, em ambos os casos, com algumas exceções, o comportamento dos sujeitos é análogo: assim como há palavras compostas de duas sílabas, figurando entre as mais apagadas, verificam-se outras, de igual estrutura e padrão silábico, entre as menos apagadas.

Levando em conta, pois, a extensão das palavras, não é possível obter qualquer informação a respeito das razões que levaram os sujeitos a apresentarem um maior ou menor percentual de apagamentos de vocábulos.

Poder-se-ia supor, conforme recordam Bisol et alii (1975, p. 133), que o fato de os sujeitos desta amostra não apresentarem o rendimento esperado, seria atribuído a um menor grau de alfabetização, decorrente de variáveis não controladas pela pesquisa; baixo índice de frequência às aulas, situação de estafa dos alunos que deixam as fábricas ou outros ofícios em busca dos cursos de alfabetização, condições ambientais inadequadas à aprendizagem, entre outras.

Desse modo, os resultados da tabela 1 sugerem que as causas dos índices elevados de vocábulos em branco poderiam ser procuradas em unidades menores, abaixo da sílaba, ou seja, nos constituintes gráficos e sonoros que compõem as entidades silábicas.

A tabela 2 permite que se analise, separadamente, as letras que

compõem as palavras que deixaram de ser escritas.

Examinando essa tabela, verifica-se que, com algumas variações, há um comportamento uniforme, de parte dos alunos, com relação às letras omitidas. Comparando estes resultados com os da tabela 4 do EB (p. 30), observa-se que, naquele estudo, os pesquisadores puderam indicar as consoantes e as vogais que foram mais apagadas.

Poderia ter ocorrido, conforme ressaltam Bisol et alii (1975, p. 136), que apenas um elemento do vocábulo oferecesse dificuldade para ocasionar o apagamento completo da palavra, enquanto a tabela limitou-se a registrar a ausência de todas as letras que a compunham. Porém, no caso do presente estudo, esse argumento parece não se sustentar, devido ao comportamento uniforme dos sujeitos em relação às palavras omitidas, como se frisou acima.

Resta, pois, novamente, o apelo a variáveis não controladas pela pesquisa, ou seja, a possibilidade de outros fatores terem ocasionado a omissão, além dos já apontados para a tabela 1, tais como: insuficiente discriminação auditiva das palavras; receio de escrevê-las erradamente; lentidão no gesto da escrita, impossibilitando o acompanhamento normal do ditado; desatenção do aluno; entre outros.

Enfim, os resultados da tabela 2 não permitem fazer especulações quanto a possíveis dificuldades peculiares aos sujeitos desta amostra. É provável, não obstante, que, da análise das palavras mais erradas, surjam elementos capazes de fornecer alguma informação mais consistente.

Considerando as palavras que apresentam maior índice de erros, tendo como base do percentual o número de vezes que a palavra foi escrita, observa-se, na tabela 3, que seis vocábulos (sorvete, relógio, terra, vaidade, fama e fermento) foram grafados erroneamente por mais de 50,00 dos sujeitos. Todavia, apenas a palavra "sorvete" atingiu percentuais de 60,00.

Um exame das palavras menos erradas revela que são todas

compostas de duas sílabas (rata, pato, metro, lodo, lugar, calor, dedo) e, a maior parte delas, contendo sílabas formadas pelo padrão silábico CV que, segundo Mattoso Câmara (1973, p. 43-51), representa o padrão mais comum na Língua Portuguesa.

Analisando a estrutura das palavras mais erradas e das menos erradas, observa-se que as primeiras apresentam dígrafos e encontros vocálicos que não aparecem nas palavras da segunda categoria. Além disso, constata-se, no primeiro grupo, um número maior de possibilidades de relações entre letra e fonema. A exemplo, o fonema /s/ de "sorvete" pode ser representado na escrita por "c", "ç", "ss", "s", "x", "xc", "sc", "sç", como em "cerrar", "laço", "avesso", "surgir", "externo", "excesso", "ascender" e "nasço". Outro exemplo é o fonema /v/ de "relógio" que pode ser grafado com as letras "j" ou "g", como em "janela" e "relógio".

É provável que os fatores acima apontados tenham contribuído para a maior incidência de erros nos vocábulos referidos.

Os dados, ainda, parecem sugerir que são de natureza diversa as causas que ocasionam as omissões da tabela 1 e as que originam os erros da tabela 3. Para exemplificar, a palavra "ali" que figura com o maior percentual entre as escritas (tabela 1), não aparece, sequer, entre as menos erradas (tabela 3). É possível que, diante da dificuldade, o indivíduo, além de omitir a palavra ou escrevê-la parcialmente, lhe acrescentasse elementos ou permutasse os componentes dos vocábulos. Este último aspecto será tratado quando se analisar os erros de acréscimo e de permuta nas páginas seguintes.

Um cotejo dos resultados da tabela 5 do EB (p. 36) com os da tabela 3 deste estudo, revela que, naquelas regiões nenhum grupo ultrapassou percentuais de 50,00; enquanto no grupo de Livramento, como ficou evidenciado acima, seis palavras foram erradas por mais de 50,00 dos sujeitos. Por outro lado, não há concordância, nos diferentes grupos, quanto às palavras mais erradas e as menos erradas.

Concluindo a apreciação sobre os resultados gerais, poder-se-ia

afirmar que, não obstante a capacidade do instrumento de detectar dificuldades ortográficas pertinentes aos alfabetizando, os dados das três primeiras tabelas nada permitem adiantar quanto a dificuldades peculiares aos sujeitos desta amostra. Em outros termos, os problemas até aqui evidenciados não parecem ter qualquer relação com a situação de línguas em contato.

Nos itens seguintes, serão tratados, especificamente, os erros de apagamento, acréscimo e permuta, conforme foram classificados no capítulo anterior.

## B - RESULTADOS ESPECÍFICOS

### 1 - ERROS DE APAGAMENTO

Petrovici (apud Maia, 1977, p. 90-2), considerando o contato entre dois sistemas lingüísticos, no caso de bilíngües que aprenderam a segunda língua em idade adulta, observa que uma das situações que podem ocorrer na atividade lingüística destes falantes, sob o influxo da língua segunda, é o desaparecimento de fonemas da língua primária. A diminuição do número de fonemas ocasionaria erros de apagamento.

Weinreich (1974, p. 14-18), referindo-se a fenômenos de interferência decorrentes de duas línguas em contato, em especial àquelas interferências que ocorrem no nível fônico (p. 18-20), considera que o desvio se dá no ato de o falante perceber e produzir os sons de uma segunda língua com base nas realizações fônicas da língua materna. Entre os principais tipos de interferência ou desvio, o autor cita o fenômeno da insuficiente diferenciação dos fonemas e/ou a excessiva diferenciação dos mesmos. Muito embora os sujeitos deste estudo sejam bilíngües passivos, parece não ser ousadia adotar o mesmo princípio quando está em jogo a representação gráfica dos fonemas, pois trata-se de indivíduos em fase final de alfabetização, período em que não há domínio total no que concerne à representação na escrita da entidade fonológica. Importa, além disso, considerar que é comum observar-se, em falantes monolíngües, mormente na esfera da classe operária, distorções na realização do sistema fônico da língua, com prováveis reflexos na escrita, podendo ocasionar, inclusive, a omissão de certas entidades gráficas.

Com base nessas colocações, esperava-se que, em se tratando de erros de apagamento, houvesse ocorrências, como as houve no EB (p. 39-51).

As tabelas 4 e 5 revelam que as expectativas se confirmaram. Os dados referentes à tabela 4 indicam a posição em que se deu o apagamento, enquanto os da tabela 5 individualizam as letras

apagadas.

Um confronto entre os resultados da tabela 4 do presente estudo e os da tabela 6 do EB (p. 44), revela que, em termos de percentuais mais elevados, relativamente aos erros de apagamento, os sujeitos desta amostra apenas são superados pelos monolíngües de Porto Alegre. É provável que a expressividade numérica de omissões, constatada no grupo de Livramento, caracterize, à semelhança do grupo da região metropolitana, um menor grau de alfabetização.

A maior dificuldade em relação às consoantes pós-vocálicas ("l", "n", "r", "s"), principalmente no que tange às síncope, parece justificar-se na descrição das consoantes feita por Mattoso Câmara (1973, p. 37-9), segundo o qual, a posição pré-vocálica é a mais favorável para a realização dos sons consonantais, podendo sofrer alterações quando ocorrem em outra posição.

Os resultados relativos à síncope pós-vocálica atingem seu percentual máximo com "n" (33,91), corroborando, desta forma, os resultados obtidos pelos autores do EB que, tendo como ponto de referência a argumentação de Mattoso Câmara (1973, p. 42), explicam o fenômeno como decorrente do fato de não ser essa uma consoante pura, e sim, um elemento consonântico pós-vocálico, marcado, apenas, pela nasalidade, faltando-lhes as "modalidades do embaraço na boca" que caracterizam as consoantes nasais.

Quanto aos apagamentos de "r" e "s" na posição referida, o autor supra (1972, p. 37) já constatará haver certa tendência à omissão, ao fazer uma análise aos exames de admissão num colégio do Rio de Janeiro. Esse fenômeno, conforme Silva Neto (1976, p. 173), pode ser verificado em todo o Brasil.

Igualmente, o apagamento de "l" em posição pós-vocálica pode ser atribuído à tendência à vocalização que essa consoante apresenta quando final de sílaba (Mattoso Câmara, 1972, p. 37), conforme se verá no tratamento dos erros de permuta, no item "lateralidade", apresentado na tabela 25. Essa tendência da fala poderia causar embaraço para o indivíduo no momento da

escrita, ocasionando, entre outros problemas possíveis, o do apagamento. Celso Cunha (1976, p. 83) observa que, no Brasil, o "r" e o "l" finais, além de apresentarem múltiplas realizações, podem, inclusive, ser omitidos.

Com relação às vogais, ao contrário do que foi constatado nas outras regiões dialetológicas, onde as vogais átonas iniciais e finais foram mais apagadas do que as tônicas nas mesmas posições; observa-se, nos sujeitos desta amostra, comportamento diverso: enquanto o percentual de aféreses é baixo, tanto em relação às átonas quanto em relação às tônicas, o percentual das apócofes é mais expressivo na posição tônica do que na átona.

O insistente apagamento da vogal na posição tônica parece constrarar uma das tendências da Língua Portuguesa, conforme Coutinho (1976, p. 102-3), segundo a qual, as vogais nessa posição ficam menos expostas a alterações e quedas.

Os resultados relativos à síncope revelam que, em ambos os estudos, os maiores índices de apagamento se dão nas vogais postônicas, fato já abordado por Mattoso Câmara (1973, p. 53), segundo o qual o fenômeno pode ser explicado por terem as postônicas intensidade mais reduzida, enquanto as pretônicas são menos débeis.

Em síntese, no que tange a problemas de apagamento, a maior dificuldade dos sujeitos desta amostra, quer em relação às consoantes ou em relação às vogais, a maior dificuldade, dizia-se, é no que concerne à posição medial, seguindo-se a posição final e, por último, a inicial.

Uma leitura dos dados da tabela 5 (a qual individualiza as letras apagadas) evidencia que, dentre as consoantes, as letras que apresentaram índices mais elevados de omissão ("r", "n", "s", "x", "l", "c") são todos símbolos com valor fonológico múltiplo e cujas dificuldades já foram previstas na revisão da literatura. Segundo Silva (1974, p. 39), esse tipo de grafema é o que traz maior dificuldade aos alfabetizando, por

representar cada símbolo diversos fonemas.

Observa-se que os símbolos gráficos (v, b), que mantêm relação biunívoca com os fonemas são os que apresentam índices mais baixos de apagamento.

Outro detalhe a ser observado diz respeito a uma diferença apresentada nesta tabela em relação ao EB: enquanto as letras e/ou dígrafos "f", "j", "rr" e "ch" não registram omissões neste estudo, esses mesmos símbolos e mais o "x" (que nesta pesquisa figura entre as mais apagadas) constam entre as menos apagadas na tabela 7 do EB (p. 45).

Analisadas as consoantes que não apresentam qualquer apagamento, observa-se que, com exceção de "f", correspondem a fonemas que têm diversos símbolos para grafá-los. Supunha-se que a multiplicidade de símbolos gráficos para representar um único fonema, acarretasse dificuldades para os alfabetizando, à semelhança daquelas em que um símbolo é trazido por diversos fonemas, onde se verificaram maiores índices de apagamento. Entretanto, a expectativa não se configurou dessa forma. Em ambos os estudos, a par das constantes em termos de maior ou menor índice de apagamento, há oscilações que poderiam ser atribuídas, ao que parece, às divergências, já referidas, entre a realização oral e a escrita da língua.

No que concerne às vogais, verifica-se que, entre as mais apagadas, figuram, indiscriminadamente, vogais fechadas e abertas: "é", "i", "ê", "u"; o mesmo acontecendo entre as menos apagadas: "ô", "a"; não se registrando nenhum apagamento de "ó".

Examinando o quadro de ocorrência de vogais e consoantes (Anexo IV), a fim de verificar se a distribuição e frequência das letras que compõem o ditado teriam uma possível relação com um maior ou menor grau de apagamento, observa-se que, tanto para as vogais quanto para as consoantes, um número maior ou menor de ocorrências não corresponde a um grau maior ou menor de omissões.

Confrontando os erros relativos ao apagamento de vogais cometidos

pelos sujeitos deste estudo com os das outras regiões dialetológicas, verificam-se algumas concordâncias, pois lá como aqui, as vogais "u" e "ê" figuram entre as mais apagadas, da mesma forma que "ô", entre as menos apagadas.

Analisados, assim, os resultados concernentes aos erros de apagamento, especificados nas tabelas 4 e 5, e, levando em conta as considerações feitas a respeito, parece oportuno, concluindo, enunciar um lugar comum, isto é, o caráter ortográfico da Língua Portuguesa apresenta, em relação à oralidade, diferenças quase absolutas em muitos aspectos. Essa distância entre a fala e a escrita acarreta para o alfabetizando dificuldade em discernir, no significante, a correspondência entre o som e a letra, deixando-o, desse modo, numa situação embaraçosa, ou numa armadilha que ele desconhece ou não conhece suficientemente.

Do exame dos erros de apagamento retratados nas tabelas 4 e 5, não se pôde detectar, de forma consistente, aspectos que poderiam estar relacionados a fatores de interferência de uma segunda língua, ou seja, do Espanhol.

## 2 - ERROS DE ACRÉSCIMO

Conforme se salientou anteriormente, diante da dificuldade em escrever determinada palavra, o aluno, entre outras alternativas, poderia acrescentar-lhe elementos, dando, dessa forma, lugar a um erro por acréscimo.

Maia (1977, p. 90-2), referindo-se às interferências no domínio da fonologia, em especial com relação a falantes que aprenderam a segunda língua como adultos, afirma que pode ocorrer a adoção, na língua materna, de fonemas próprios da língua estrangeira. A entrada de fonemas novos numa língua daria, pois, lugar a erros de acréscimo.

Examinando as tabelas que registram erros de acréscimo, constata-se que os percentuais são pouco expressivos, se forem comparados aos resultados alusivos a erros de apagamento e, em

especial, a alguns erros de permuta (estes serão comentados no item 3 desta seção). Dir-se-ia que, de um modo geral, parece tratar-se de fatos esporádicos, antes que de manifestações características de um determinado tipo de dificuldade.

Analisando a tabela 6 que apresenta o maior percentual de erros desse tipo (2,08), verifica-se o acréscimo de uma vogal como apoio vocálico em sílabas fechadas pelas consoantes "l", "r", "n" e "s". Esse comportamento parece análogo ao acréscimo de vogal que ocorre nos empréstimos terminados em consoante que não se use como final de palavra portuguesa, a exemplo, "filme" (film), "bife" (beef), conforme Coutinho (1976, p. 147). Ainda que os contextos sejam diversos, tratar-se-ia da mesma tendência, isto é, a preferência pelo padrão silábico CV, como já foi referido há pouco, ao comentar os erros de apagamento.

Por outro lado, segundo Pike (1971, p. 58), os sons tendem a ser modificados pelo ambiente: sons vizinhos, silêncios antes e depois, acento de intensidade, altura ou quantidade. É, pois, também provável que os indivíduos que acrescentaram uma vogal após aquelas consoantes tenham ouvido um som semelhante à vogal e, conseqüentemente, o reproduziram na grafia. Nesse caso, o acréscimo seria motivado quer pela pausa maior (final de palavra) quer por uma pausa menor (intersilábica).

Teixeira (1944, p. 62-6, apud Melo, 1975, p. 108) considera que há uma tendência, em certos dialetos brasileiros, em se acrescentar um "e" ou um "i" de apoio depois de "r" ou "l" final, como em "amore", "vivere", "male". Poderiam, quiçá, esses erros refletir tal tendência.

Se se cotejar os resultados desta tabela com os da tabela 8 do EB (p. 51-3), respeitadas as modificações introduzidas na base do percentual, verificar-se-á que, naquelas regiões, foram os monolíngües que revelaram maiores dificuldades. Os resultados parecem indicar, portanto, que o embaraço não provém de influência de outro idioma, antes é um fenômeno constatado mais claramente nos indivíduos que somente utilizam a Língua Portuguesa.

As demais tabelas que relacionam erros de acréscimo, ou seja, as tabelas de 7 a 20, apresentam percentuais entre 0,02 e 0,64.

Diante da inexpressividade numérica dos percentuais, julgou-se admissível proceder a um comentário em conjunto, aproximando as tabelas que apresentam erros similares.

Em relação às tabelas 7, 8, 12 e 17, as quais apresentam acréscimos de vogais ou semivogais, se forem confrontados seus percentuais com os das tabelas do EB que caracterizam os mesmos erros: tabela 9 (p. 54-6), tabela 10 (p. 57), tabela 15 (p. 64-5) e tabela 22 (p. 73), observar-se-á que, em ambos os estudos, os escores se mantêm baixos, quer se trate de grupos monolíngües ou bilíngües. Tal procedimento sugere que os referidos erros não têm relação com problemas de interferência de uma segunda língua.

Examinando, separadamente, a tabela 7, verifica-se, ora o acréscimo de vogal, ora o de semivogal, formando, indiscriminadamente, ditongos crescentes e decrescentes. Esse acréscimo poderia ser atribuído a um menor grau de alfabetização, como já se aventou, anteriormente, em relação a certos erros de apagamento. Por outro lado, segundo Melo (1975, p. 109-16), esses erros são encontrados aqui e acolá, no interior do Brasil, como: "alumeia", "enxuito", "luitar".

O fenômeno caracterizado na tabela 17 - reforço da lateral - pode ser uma decorrência da vocalização de "l" em final de sílaba, refletindo na escrita a realização oral. Saliente-se, porém, que, em relação a tal fato, não obstante constitua uma ocorrência sobejamente observada em diversas regiões do País, são frequentes os alertas vindos de estudiosos do idioma nacional, negando a vocalização de "l" na região do extremo-sul. A exemplo, Silva Neto (1976, p. 173) diz ser bastante conhecida a pronúncia do gaúcho, relativa ao "l" fortemente velar quando em final de sílaba.

Observando a tabela 22 do EB (p. 73), ver-se-á que são os monolíngües que mais incidem nesse erro.

Cotejando os resultados das tabelas 9 e 10 deste estudo com os das tabelas 11 e 12 do EB (p. 58-9), pode-se averiguar que, enquanto na primeira delas (nasalação progressiva) há uma constante, ou seja, os monolíngues erram menos, a situação é diversa na outra tabela (epêntese de nasal), onde os bilíngues ora apresentam índices mais elevados, ora chegam a um percentual nulo. Tendo em vista a oscilação dos diferentes grupos em termos de incidências e, considerando os baixos percentuais, parece infrutífera qualquer especulação.

Com relação às tabelas 11 e 13 que apresentam erros por reduplicação de consoantes, os percentuais deste estudo, bem como os do EB, tabelas 13 e 14 (p. 61-2) são inexpressivos, sendo que, naquele estudo, esse erro é mais saliente nos bilíngues, com pequena margem de diferença, porém.

Uma análise da tabela 13 evidencia que a maior parte dos casos de reduplicação se deram com a consoante "l". É provável que a insistência relativa a essa consoante tenha alguma relação com a representação gráfica do fonema lateral do Espanhol, como em "pollo", "calle" e outras.<sup>8</sup> Poder-se-ia interpretar o fato como um tipo de transferência de ordem visual. Todavia, por se tratar de variável não controlada por esta pesquisa, não se pretende oferecer argumentação maior.

O acréscimo da líquida apresentado na tabela 14 acusa um percentual muito baixo. Comparados os resultados com os dados das outras regiões dialetológicas pesquisadas pela equipe do EB (p. 68), observa-se algo semelhante, variando os percentuais de ambos os estudos entre 0,04 e 0,39. O acréscimo de líquidas antes ou depois de uma vogal poderia ser atribuído ao fato de essas consoantes possuírem certos traços semelhantes aos das vogais (Quilis & Fernandez, 1975, p. 121), ocasionando dúvida ou insegurança de parte do escrevente que está se alfabetizando. Essa seria, talvez, uma causa do referido acréscimo.

---

<sup>8</sup> Essas palavras podem ser lidas nas paredes dos prédios de Rivera que fazem divisa com Livramento.

Um fato singular pode ser observado no interior da tabela 15 que apresenta a inserção de uma vogal assilábica ou de uma consoante no interior de ditongos, provocando-lhes o desmembramento. A palavra "irmão" foi escrita por 6,00 dos sujeitos como "irmano". Considerando que, das palavras que continham ditongo, só esta apresenta índices respeitáveis, é provável que as causas do desmembramento tenham uma explicação peculiar.

Em primeiro lugar, o vocábulo em questão é o único que possui ditongo nasal, fato que poderia ser apontado como causador de dificuldade, ao passo que, nas outras palavras que possuem ditongo oral, a dificuldade seria menor ou quase nula.

Por outro lado, a palavra "hermano" do Espanhol é de uso comum em Rivera, e até em Livramento, na fala coloquial, há referências aos "hermanos", tratamento usado para fazer alusão aos habitantes da comunidade vizinha. Estar-se-ia diante de uma transferência de ordem lexical. Estudos lexico-gráficos poderiam elucidar este e outros casos análogos, uma vez que tal discussão foge aos propósitos da presente pesquisa.

Examinando a tabela 16, verifica-se outro tipo de ocorrência que, segundo Melo (1975, p. 109-16), é comum no interior do Brasil, como manifestação do dialeto caipira. Trata-se da formação de grupos consonantais, ao introduzir no vocábulo uma líquida, como em "bonecra", "lindro". Pode dar-se também o inverso, como em "afelito" (aflito), "Pelanta" (planta). O fenômeno observado na fala refletir-se-ia na escrita.

Confrontando os dados da tabela 18 deste estudo com os da tabela 23 do EB (p. 75), verificam-se diferenças. Se no presente estudo são observadas ocorrências de dois tipos, naquele observam-se quatro espécies de acréscimos no que tange ao reforço palatal.

O primeiro acréscimo do EB apresenta a inserção de uma vogal alta anterior, depois da consoante lateral palatal como em "folhia" por "folha". Esse fenômeno não se registra no presente estudo, mas no EB há ocorrências em quase todos os

grupos, sejam bilíngües ou monolíngües.

O segundo acréscimo é o da inserção de uma consoante palatal depois da vogal silábica ou assilábica, como em "meinho", por "meio". Constatam-se ocorrências desse tipo neste estudo, embora em escala menor.

O terceiro tipo de erro apresenta a inserção de uma sílaba palatal antes de uma consoante lateral palatal, como em "velilho" por "velho". O presente estudo também registra algumas ocorrências desse tipo.

O quarto tipo de acréscimo, que não apresenta registro neste estudo, embora ocorra em todos os grupos do EB, descreve o acréscimo da letra "l" antes de uma consoante lateral palatal como em "follha", por "folha".

O acréscimo de reforço da palatal parece, portanto, constituir alguma dificuldade para os alfabetizando em geral, sejam bilíngües ou monolíngües. Algumas vezes, porém, a dificuldade não se manifesta.

A reduplicação silábica pode ser visualizada na tabela 19. Melo (1975, p. 59-61) interpreta a reduplicação silábica na fala como fator intensificativo da idéia, citando o exemplo da criança que distinguia os dois bebês, chamando-os a um de "nenê" e ao outro de "nenenê" para significar que um era menor do que o outro. No entanto, a repetição na escrita de uma sílaba já existente no vocábulo não parece refletir qualquer intenção específica neste estudo. Além disso, sendo os percentuais quase nulos, é possível tratar-se de uma ocorrência acidental.

O tipo de erro que foi apresentado na tabela 20 é o acréscimo da letra "h", ocorrendo ora no início, ora no meio do vocábulo, provocando, às vezes, modificações na estrutura silábica, como em "baleiha" (baleia). Esse acréscimo, ainda que apresente percentuais quase nulos, supera os resultados das outras regiões pesquisadas pela equipe do EB, conforme tabela 26 (p. 79).

Essa ocorrência pode estar relacionada ao fato de ser a letra "h", por um lado, um segmento ortográfico sem correspondente fonológico, estando, neste caso, condicionado ao ambiente: início de vocábulos ou no fim de interjeições, como em "hoje" ou "oh!"; por outro lado, serve essa letra de componente de dígrafos com "lh" (falha) ou "nh" (manhã). No segundo caso, a letra "h" está incluída num grupo de elementos gráficos para representar um único segmento fônico (Silva, 1974, p. 61-6).

É possível que a distribuição desse símbolo, ora sem nenhuma correspondência na fonia, ora como componente de dígrafos, represente alguma complexidade àqueles que se iniciam nas letras.

Por fim, no que concerne a erros de acréscimo, importa ainda considerar que alguns dos erros verificados no EB, não se repetiram aqui. São eles:

- . reduplicação regressiva e progressiva de sílabas (P. 62)
- . prótese de vogal (p. 67)
- . desmembramento de grupo consonantal (p. 71)
- . pluralização (p. 76)

Esses erros, como se pode averiguar no referido estudo, apresentam, em geral, percentuais pouco expressivos: são ocorrências acidentais, sem refletirem uma constante em qualquer uma daquelas amostras.

Concluindo, pode-se afirmar que, em termos gerais, os erros de acréscimo cometidos pelos sujeitos desta amostra não permitem que se presuma, a não ser em alguns frágeis aspectos, que tais dificuldades sejam devidas à influência do Espanhol no Português. Antes, conforme se procurou demonstrar na discussão das tabelas, parece estarem essas falhas relacionadas a outros fatores, quais sejam:

- . dificuldades decorrentes de um menor grau de alfabetização;

- . manifestações peculiares à linguagem da classe operária com reflexos na escrita;
- . insegurança que pode ter origem na complexidade ortográfico-fonológica da Língua Portuguesa;
- . tendências do Português.

### 3 - ERROS DE PERMUTA

Conforme Maia (1977, p. 90-2), é comum o falante que aprende um idioma estrangeiro na idade adulta, adaptar os sons da segunda língua ao sistema materno, desde que tais sons não existam na língua primária idênticos àqueles sob o ponto de vista acústico e fisiológico. Semelhante comportamento poderia originar erros de permuta.

Uma leitura das tabelas que discriminam erros de permuta evidencia, de um modo geral, percentuais mais expressivos que os constatados nos erros de acréscimo. Considerando a superioridade numérica, as tabelas serão discutidas, individualmente, seguindo a ordem de apresentação.

A tabela 21 arrola dados relativos a erros de permuta iriginados pela não diferenciação do traço de sonoridade dos fonemas.

Conforme foi salientado na revisão da literatura, contava-se com a possibilidade de os sujeitos desta amostra revelarem dificuldade na diferenciação de alguns fonemas oclusivos e fricativos, relativamente à distinção do traço de sonoridade. As expectativas confirmaram-se, especialmente nos pares 4 (g → k), 9 (š → ž) e 6 (b → p) da referida tabela.

É possível que tais trocas tenham alguma relação com a indiferença apresentada por alguns fonemas no que concerne ao traço de sonoridade, no sistema fonológico do Espanhol falado no Uruguai, conforme Rona (1965, p. 19). Como se pôde observar nos quadros dos fonemas do Português e do Espanhol, enquanto naquele o traço de sonoridade é opositivo, tanto nas oclusivas

quanto nas fricativas, neste sem sempre o *ê*. A exemplo, na Língua Portuguesa /s/ opõe-se a /z/, mas no Espanhol o segundo fonema só existe como alofone de /s/ (Rona, 1965, p. 20).

O fenômeno acima descrito pode levar alguns indivíduos a escolherem como realização normal, ora a surda ora a sonora, já que a sonoridade não é distintiva (Coseriu, 1973, p. 120-8 e p. 205 em nota de rodapé).

Ainda que a troca de consoantes surdas por sonoras constitua um fato explicável na evolução da Língua, conforme Coutinho (1976, p. 143), parece oportuno observar o contraste entre os itens 9 e 10 da tabela: a insistência na permuta da surda pela sonora no par de número 9 (*š* + *ž*) é equivalente à ausência de permuta da sonora pela surda em 10 (*ž* + *š*). Aliás, a única palavra que apresenta problema neste item é "relógio" ("reloxo" nos resultados), ocorrência que poderia ter outra explicação. O indivíduo, habituado a ouvir tal pronúncia, teria problema, no entanto, ao grafar a palavra, pelo fato de diversas letras corresponderem ao mesmo fonema.

Do exposto, pode-se inferir que as dificuldades manifestadas pelo grupo, concernentemente à sonorização, ao menos em alguns aspectos, poderiam ser atribuídas a fatores de interferência de uma segunda língua.

A despeito de tais resultados, supunha-se que, em relação à sonoridade, os índices de erros alcançassem escores mais significativos, uma vez que as diferenças apresentadas, neste particular, pelas duas línguas em contato são de alguma forma salientes.

O fato de não se registrar um número maior de incidências pode ser atribuído, em parte, ao instrumento. Efetivamente o ditado não oferece determinados contextos que pareceriam assaz pertinentes para se detectarem erros peculiares aos sujeitos desta amostra. A exemplo, nenhuma das palavras do ditado contém o fonema /z/ que, dadas as diferenças fonéticas

apresentadas por esse fonema no Português e no Espanhol, poderia, revelar implicações relativas aos contatos lingüísticos em estudo.

Cotejando os percentuais de erros relativos à sonoridade cometidos pelos sujeitos deste estudo com os das outras regiões pesquisadas pelo EB (p. 79-82), observa-se que, no que tange à distinção do traço de sonoridade, os bilíngües-alemães do Alto Taquari e de Porto Alegre apresentam escores muito superiores aos dos demais grupos, em quase todos os pares permutados, ficando em segundo lugar o grupo de Livramento.

Tendo em vista o alto grau de dificuldade do bilíngüe-alemão em distinguir o traço de sonoridade, os pesquisadores supramencionados (p. 149) concluíram que a interferência observada na expressão oral reflete-se na escrita.

Examinando a tabela 22, onde se delineiam os erros relativos à palatalização, observam-se contrastes, isto é, há percentuais bastante expressivos a par de outros nulos ou quase nulos.

Considerando a troca  $\tilde{l} \rightarrow l$ , correspondente a "lh" e "l" na escrita e que obteve o percentual mais elevado, convém lembrar o já referido quadro do sistema fonológico do Português falado na zona meridional do Rio Grande do Sul (Rona, 1965, p. 22). Segundo aquela descrição, o Português falado na região fronteira não dispõe do fonema / $\tilde{l}$ / que aparece como traço distintivo no Português comum: /'fala/ "fala" oposto a /'falã/ "falha". A inexistência da lateral palatalizada na fala, consequência da despalatalização por influência do Espanhol, falado no Uruguai, parece ter reflexos na escrita.

Relativamente à permuta em discussão, os sujeitos desta amostra superam, em percentuais, todos os grupos das outras regiões dialetológicas pesquisadas por Bisol et alii (1975), conforme dados da tabela 28, par 5 (p. 84). Constata-se, na referida tabela, que os percentuais que mais se aproximam aos deste estudo pertencem aos bilíngües-italianos de Porto Alegre.

Outra permuta, envolvendo a palatalização:  $\tilde{l} \rightarrow ly$ , que corresponde na escrita a "lh" e "li", também apresenta percentuais em proporções significativas nos sujeitos desta amostra.

No estudo realizado por Bisol et alii (1975, p. 85), esse erro é mais verificado nos bilíngües-italianos de Caxias do Sul e de Porto Alegre. Os autores (p. 150), apoiados na descrição de Bunse (1973, p. 6), atribuem o fenômeno à interferência do dialeto da zona de colonização italiana, onde se processou a despalatalização. Assim, encontra-se "velio" ou "veio" por "velho".

Por outro lado, segundo Melo (1975, p. 58), a semivocalização da lateral palatal ( $l \rightarrow y$ ) constitui um fenômeno comum nas línguas românicas, podendo ser encontrado, inclusive, na linguagem popular do Brasil.

Com base nas colocações acima, parece viável afirmar que, à semelhança do que se constatou com os bilíngües Português/Italiano das outras regiões pesquisadas pela equipe do EB, a lateral palatal constitui problema para os falantes da Fronteira, com repercussões na escrita.

Os erros alusivos à vibrante que aparecem relacionados na tabela 23, foram previstos na revisão da literatura.

Para se ter uma idéia de como os alfabetizandos tiveram dificuldade em representar a vibrante múltipla  $/\tilde{r}/$ , basta dizer que a troca de  $/\tilde{r}/$  por  $/r/$  atingiu os percentuais mais elevados da pesquisa (37,39).

A sensível dificuldade manifestada pelos sujeitos deste estudo com relação aos fonemas  $/\tilde{r}/$  e  $/r/$ , representados na escrita por "rr" e "r" como em "ferro" e "fero", parece refletir uma problemática da Língua Portuguesa. Logo, pode-se adiantar que, não obstante a expressividade dos percentuais, é bem provável que esse erro seja consequência da complexidade do sistema ortográfico da língua materna.

Com efeito, a possibilidade de ocorrer /r̃/ ou /r/ só existe, em Português, na posição intervocálica, como em "carro" e "caro". Em posição inicial de vocábulo ou após consoante, só existe /r̃/, como em "relógio" ou "Israel" (Mattoso Câmara, 1971, p. 31).

Como se observa nos dois últimos exemplos, embora a emissão da consoante corresponda à vibrante múltipla, sua representação na escrita se processa por uma letra apenas, enquanto a mesma emissão que se dá em "terra", por exemplo, é representada graficamente pelo dígrafo "rr". Tal distribuição da vibrante múltipla, correspondendo a duas representações na escrita, traz embaraços para o alfabetizando, quando deve grafar "rr" ou "r". Em outros termos, não assimilou a correta distribuição de "rr" e "r" para representar o fonema /r̃/.

Os erros arrolados no par 8 da tabela (r̃ → rr) parecem confirmar essa dificuldade ortográfica, quando se observa, por exemplo, as grafias "ferrmento" e "rradio".

Com referência à realização da vibrante na Fronteira, pode-se encontrar informações na literatura do assunto, de modo especial, nos estudos feitos por alguns investigadores (Rona, 1965, p. 23-4; Hensey, 1972, p. 58). Nota-se, entretanto, certa divergência em seus pontos-de-vista e mesmo em suas conclusões.

Confrontando os resultados relativos à vibrante na tabela 23, com os do EB, tabela 29 (p. 87-91), pode-se averiguar que, em ambos os estudos, a maior incidência de erros se dá nas permutas de "r̃" → "r" e "r̃" → "rr", representando os demais pares ocorrências esporádicas.

Um exame da tabela 24, cujos resultados refletem problemas vinculados com a grafia das consoantes oclusivas surdas, revela que as ocorrências ali registradas não são numericamente expressivas.

Com exceção do par de número 3 (p → t), demais erros pautados

nessa tabela parecem ter origem na casualidade, e não refletirem possíveis dificuldades ortográficas devidas à caracterização dessas consoantes.

Portanto, ainda que tais elementos tenham certas propriedades em comum, os resultados parecem revelar a capacidade de os alfabetizando distinguí-los pelo ponto de articulação.

Com relação ao item 3 (p → t), analisando cada uma das palavras, os dados parecem sugerir que as origens de alguns erros, a exemplo, "destido" por "despido" poderiam estar condicionadas a variáveis não controladas pela pesquisa. Exemplificando: pode ter ocorrido que determinada palavra tenha sido pronunciada simultaneamente com um ruído qualquer, impedindo que fosse percebida com clareza.

Contudo, as cogitações expostas acima não pretendem invalidar a suposição de que tais letras possam trazer dificuldade na aprendizagem da escrita, devido à proximidade do ponto de articulação que apresentam umas com as outras.

Um cotejo dos resultados alusivos à bilabialidade com os das regiões pesquisadas pela equipe do EB (p. 91-2), revela que, com exceção da zona metropolitana, foram os monolíngües que mais se equivocaram naquelas regiões. Verifica-se também que a maior incidência aparece no item 3 (p → t) ou seja, na troca das oclusivas anteriores, próximas quanto ao ponto de articulação.

Analisando a tabela 25 que apresenta os erros relativos à lateralidade, observa-se que, apenas em um dos casos, os resultados são expressivos, quer por atingir o percentual mais elevado entre os diversos itens, quer por se registrarem ocorrências em todos os vocábulos que oferecem contexto para esse tipo de erro. Alude-se à permuta l → w que confirma as expectativas expressas na revisão da literatura. Com efeito, a mudança do "l" pós-vocálico em semivogal "w" é um fenômeno amplamente constatado no Português do Brasil.

Observa-se, pois, que os alfabetizando manifestam certa tendência em grafar com "u" a consoante lateral "l", mesmo sendo esta pronunciada como velar.

Fato idêntico pode ser constatado na pesquisa de Bisol et alii (1975, p. 95), onde se verificam os índices mais elevados com relação à lateralidade.

Outro aspecto que se destaca na tabela 25, é o par de número 7 (N + l). Todavia, analisando um por um os vocábulos, verifica-se que, podendo ocorrer esse erro em três contextos, somente aparece em um deles. Da mesma forma, no item 4 (l + d), apenas um dos onze contextos oferecidos apresenta erro. É provável que tais fatos isolados não signifiquem um embaraço para o alfabetizando, no sentido de discernir um som do outro e representá-los graficamente. Antes, supõe-se que o fenômeno deva ser atribuído a fatores não controlados pela pesquisa, conforme já foi referido anteriormente, na análise dos erros da bilabialidade (tabela 24).

Por outro lado, semelhante comportamento traz à memória uma advertência de Hjelmslev (1935, p. 88, apud Mattoso Câmara, 1971, p. 30), segundo o qual "a língua é uma estrutura, de que os falantes podem ter uma compreensão inexata e deficiente".

A tabela 26 refere-se às permutas de elementos distinguíveis pelo modo de articulação.

Como se pode verificar, os índices percentuais, quando não inexpressivos, são nulos. Portanto, com relação aos dados dessa tabela, pode-se adiantar que não confirmaram as expectativas. A exemplo, no par de número 5 (v + b), previam-se substituições provenientes do tratamento diverso que recebem as oclusivas e fricativas no Português e no Espanhol: enquanto no Português "b" se opõe a "v", sendo uma oclusiva e outra fricativa, no Espanhol, "v" se transforma em "b" fraco. Esperava-se, pois, que semelhante comportamento tivesse reflexos na aprendizagem da escrita, ocasionando a troca do "v" pelo "b", o que não ocorreu.

Considerando a substituição: d → v (despido→vespido), no par de número 3, que registra o maior percentual, parece tratar-se de uma variável não controlada, à semelhança de outras ocorrências, comentadas nas tabelas anteriores.

Por isso, pode-se deduzir que, com relação às permutas caracterizadas pelo modo de articulação, os resultados desta amostra não podem ser atribuídos a fatores de interferência de uma segunda língua.

Ao confrontar estes resultados com os do EB (p. 96-9), averigua-se um comportamento semelhante: as ocorrências não passam de acontecimentos esporádicos.

A mudança de estrutura silábica é o fenômeno retratado na tabela 27.

Conforme se prognosticou na revisão da literatura, constata-se que a vogal assilábica do ditongo decrescente constitui problema para os sujeitos desta amostra.

Um cotejo das diferentes tabelas desta pesquisa dá conta de que a tabela referente à mudança de estrutura silábica ostenta, em quase todos os contextos oferecidos, os números mais expressivos da pesquisa.

Levando em conta os resultados, houve-se por bem investigar mais detalhadamente as causas que contribuíram para esses resultados.

Num primeiro posicionamento, o fato poderia ser encarado como uma tendência da língua oral, já apontada, em certos aspectos, por alguns autores:

Silva Neto (1976, p. 156) observa, por exemplo, que na pronúncia carioca o ditongo "ei" reduz-se a "ê" antes de "j", "x" e "r", como em "peixe", "bejo", "primero".

Já na Gramática Histórica (Coutinho, 1976, p. 332), o fato fora

considerado como uma característica da linguagem vulgar.

Melo (1975, p. 127), referindo-se à redução de "ei" a "ê" antes de palatal ou "r", afirma que, além de ser pronúncia normal do Brasil, reflete um uso antigo na língua, praticado por escritores como Vieira: "o mar com os 'pexes' ouvintes"; "era" 'alejado' de um braço".

Todavia, os autores supra (Silva Neto, 1976, p. 156 e Melo, 1975, p. 124) concordam que o ditongo "ei" nos demais casos é pronunciado plenamente no Brasil, como em "leite", "ceifa", "feio".

Ao examinar a tabela, contudo, verifica-se que a redução de "ei" para "ê" se dá em todos os contextos, seja ou não palatal o som que segue o ditongo.

Segundo Bisol et alii (1975, p. 154), são freqüentes as pronúncias "oro" por "ouro", "manteiga" por "manteiga". Os referidos pesquisadores constataram (p. 101) que a perda do ditongo é um fenômeno de caráter geral, podendo ocorrer, indistintamente, entre monolíngües e bilíngües. Tal constatação ratifica o argumento de Mattoso Câmara (1973, p. 44), relativamente à tendência que têm os falantes do Português, mesmo dentro do dialeto social dito "culto", de passarem de um ditongo a um monotongo.

Por outro lado, tendo presente a relevância dos resultados, parece oportuna outra reflexão a respeito da redução do ditongo a monotongo.

Conforme já se aludiu na revisão da literatura, Mattoso Câmara (1973, p. 45), ao referir-se ao ditongo, pondera que, embora inegável sua existência em certas áreas do País, falta em outras, citando entre estas, o Rio Grande do Sul.

Com base na colocação acima, supôs-se que a inexistência do ditongo nesta região poderia refletir um problema de interferência de uma segunda língua, isto é, do Espanhol.

Tendo em vista que a mudança de estrutura silábica se dá com o ditongo decrescente (vogal + semivogal), e, considerando os objetivos do presente estudo, isto é, dar conta de possíveis influências do Espanhol no Português, convém examinar, confrontando, o referido encontro vocálico em ambas as línguas.

No Português existem onze ditongos decrescentes orais (sem considerar a vocalização de "l" pós-vocálico). São eles:

[ay] - [aw] - [ɛy] - [ey] - [ɛw] - [ew] - [iw] -  
[ɔy] - [oy] - [ow] - [uy] - respectivamente em "pai",  
"degrau", "idéia", "ceia", "céu", "ateu", "riu", "dôi", "sois",  
"sou", "fui" (Rocha Lima, 172, p. 34).

No Espanhol, encontram-se apenas seis ditongos decrescentes:

[ai] - [ei] - [oi] - [au] - [eu] - expressos nas  
palavras: "aire", "rey", "hoy", "auto", "feudo", "lo uso"  
(Quilis & Fernández, 1975, p. 67).

Isto posto, observa-se que o Espanhol não possui, à semelhança do Português, os ditongos: [ɛw] - [ɛy] - [ɔy] - [iw] - [uy] - o que reduz a frequência do ditongo decrescente naquela língua, ao contrário do que ocorre no Português. A exemplo, P: "idéia"; E: "idea". Considere-se, também, neste caso, que o sistema vocálico do Espanhol apresenta três graus de abertura e não quatro como o Português (Llorach, 1968, p. 146).

E mais, examinando a relação das palavras do ditado, que contêm ditongo decrescente em Português, constata-se que, apesar da semelhança com os mesmos vocábulos do Espanhol, nenhuma delas possui ditongo decrescente nesta Língua: baleia/  
ballena, direito/derecho, meio/medio, noite/noche, vaidade/  
vanidad, e assim por diante.

Esses aspectos, somados aos resultados da pesquisa, sugerem que a convivência íntima dos luso-falantes com os hispano-falantes poderia afetar o sistema fônico daqueles, ocasionando o apagamento da vogal assilábica. Conseqüentemente, o

alfabetizando que ainda não domina o sistema ortográfico da Língua, tende a transpor para a escrita os hábitos da fala comum.

Portanto, além da facilidade em desfazer o ditongo, como se colocou anteriormente, há indícios de que a mudança de estrutura silábica na região da Fronteira, poderá ser atribuída, ao menos em parte, a um fenômeno de interferência lingüística.

Os resultados da tabela 28, relativos à vogal final, contrastam duas situações: de um lado, a substituição de "o" por "u" apresenta percentuais inexpressivos; de outro, a troca de "e" por "i" ostenta alguma expressividade numérica.

Tal conduta não confirma a opinião dos diversos autores citados na revisão da literatura, segundo os quais, a vogal final "e" se manteria quanto átona, na zona fronteiriça do Rio Grande do Sul, enquanto haveria uma tendência de se transformar em "i" nas demais regiões do País.

Examinando os contextos especificados no par de número 2 (e + i), verifica-se que "e" foi substituído por "i", quando o antecederam as consoantes "t" e "d", permanecendo "e", noutro contexto. É provável que a grafia da vogal "e", átona final, represente dificuldade maior para os alfabetizandos, se estiver precedida por aquelas consoantes. Outros estudos, quiçã, poderiam averiguar mais acuradamente o fato.

Naro (1973, p. 18) afirma que o valor fonético das letras "e" e "o" em posição átona final constitui ainda hoje assunto de debate. Nunes (1945:62 apud Naro, 1973, p. 38) assevera que a mudança de "e" para "i" em posição átona final é muito antiga.

Os dados sugerem, pois, que a realização das vogais átonas finais, mormente a troca de "e" por "i" constitui problema para a aprendizagem da escrita, inclusive na região da Fronteira.

Cotejando os resultados deste estudo com os do EB (p. 101-3), observa-se que, reservadas as proporções, as incidências, em

maior ou menor grau, coincidem em ambas as pesquisas.

Da análise da tabela 29 depreende-se que a nasalação da vogal antes de consoante nasal não parece refletir dificuldade específica dos alfabetizandos desta amostra. Ainda que no primeiro item ( $a \rightarrow \left\{ \begin{smallmatrix} e \\ o \end{smallmatrix} \right\}$ ) se possa distinguir uma ocorrência com escores significativos (pano  $\rightarrow$  pono), o fato não parece suficiente para se cogitar a favor de algum problema específico, pois o mesmo fenômeno não foi verificado em outro contexto análogo (africano  $\rightarrow$  africono), cujos percentuais se igualam a zero.

Assim que, parece oportuno lembrar com Bisol et alii (1975, p. 156) que tais erros não refletem caracterizações dialetais. Representam, sim, dificuldades sentidas, algumas vezes, no aprendizado da escrita, quando se trata de perceber o som peculiar às vogais nasais, antes de consoante.

Recorde-se, ainda, que as vogais nasais do Espanhol apresentam menor ressonância do que suas correspondentes em Português (Quilis & Fernández, 1975, p. 54), fato que poderia concorrer, talvez, para minorar a dificuldade do alfabetizando, antes que influir negativamente na aprendizagem da escrita.

A tabela 30, discriminando erros explicáveis por assimilação vocálica, apresenta relevância numérica no item 4, ou seja, no fenômeno descrito como abaixamento da vogal posterior (ex. futuro  $\rightarrow$  futoro, ternura  $\rightarrow$  ternora). Esse procedimento, entretanto, não parece decorrer de qualquer fator de interferência do Espanhol.

Permutas por assimilação (feliz  $\rightarrow$  filiz) ou dissimilação (vizinho  $\rightarrow$  vezinho) têm lugar na evolução da Língua (Coutinho, 1976, p. 143-5) e, segundo Bisol et alii (1975, p. 156) podem ocorrer na escrita de indivíduos em fase de alfabetização.

Naro (1973, p. 12-8), comentando o fenômeno da assimilação vocálica no Português, apresenta algumas divergências manifestadas por certos autores com relação ao assunto. A

exemplo, observa o autor que, enquanto para alguns estudiosos, como Herculano de Carvalho, o levantamento da vogal média diante da vogal alta tônica é uma regra explicável no Português do Século XVI, para Nunes de Lião essa regra não é muito boa, fazendo-se necessária uma distinção entre a língua padrão e a não-padrão.

Todavia, considerando os índices alcançados pela troca de "u" por "o", comparados aos outros percentuais da mesma tabela, supõe-se que outras explicações poderão ser enunciadas, no intento de perseguir a causa ou as causas desse erro.

Com relação a este estudo, poder-se-ia oferecer algumas especulações, relacionadas a variáveis não controladas. Assim, é possível que a troca de "u" por "o", por uma boa parcela dos sujeitos da amostra tenha alguma relação com hábitos da linguagem vulgar, levando-se em conta o fato de que é comum encontrarem-se erros desta natureza em bilhetes, avisos, e petições redigidos por pessoas com baixo nível de instrução, refletindo, desse modo, o caráter vulgar de sua pronúncia. Essa suposição encontra apoio em estudos realizados por diversos autores a respeito da língua popular do Brasil (Melo, 1975, p. 90-117; Silva Neto, 1976, p. 145-92, entre outros). Portanto, supõe-se que esteja aí uma das razões dessa incidência, não obstante ser impossível oferecer documentação maior.

Os casos de permuta apresentados na tabela 31 teriam explicação em razões gráfico-fonológicas. Em outros termos, delineiam-se na tabela símbolos gráficos com valor fonológico múltiplo, como se referiu na revisão da literatura.

Um exame da tabela permite inferir que letras como "x", "c", "s", "g", entre outras, tornam-se embaraçosas no ato da aprendizagem da escrita.

Considerem-se, por exemplo, as letras "g" e "j", as quais apresentaram índices mais elevados de erros. A primeira delas, "g", pode corresponder a dois elementos fônicos: [g] e [ʒ], como em "gaveta" e "gelo". Por outro lado, ambos os símbolos "g" e

"j" podem corresponder ao mesmo valor fônico [v], como em "relógio" e "janela". Observação similar poderia ser feita com relação às demais letras trocadas na tabela.

Confrontando os resultados desta amostra com os do EB (p. 109-11), constata-se que os sujeitos deste estudo cometem mais erros no total geral, embora não registrem incidências em duas das permutas computadas naquele estudo (s + x; c + qu). O escore, contudo, pode ser atribuído a um menor grau de alfabetização.

Em síntese, a conclusão não poderia ser outra: trocas de letras como as que ocorrem na tabela 31, podem ser atribuídas à relação entre sistema alfabético e sistema fonológico, consoante o frisaram Bisol et alii (1975, p. 157).

As permutas especificadas na tabela 32 referem-se a trocas visuais. Um exame dos resultados revela que são, em geral, pouco expressivos os percentuais. Parece tratar-se de anomalia cuja incidência é casual. Examinando, por exemplo, o primeiro par (d + b), observa-se que a palavra "lodo" foi escrita "lobo" por 10,00 dos sujeitos. Contudo, em vista da exclusividade da incidência, é provável que esteja em jogo, nesse caso, um fenômeno de ordem fonética. Assim, poder-se-ia explicar o fato por indiscriminação auditiva, antes que troca visual, levando-se em conta a semelhança fonética entre as duas palavras em questão.

Apesar disso, sabe-se, por informação verbal de alfabetizadores, que são comuns na aprendizagem da escrita, confusões entre letras que têm formas gráficas semelhantes. Aliás, esse fenômeno encontra precedentes na literatura, em obras como a de Amorim (1972, p. 91-9).

Ainda em relação ao par de número 9 desta tabela (i + e), verifica-se que, entre os dez contextos oferecidos, apenas em um, ou melhor, apenas na palavra "ali" aparecem números expressivos (25,97), constatando-se percentuais nulos em sete dos contextos referidos. Semelhante ocorrência seria devida ao

fato de a vogal "i" ocorrer, nessa palavra, em posição final de vocábulo; porém, sendo a vogal tônica, a hipótese torna-se pouco plausível. O fato poderia também ser encarado como uma atitude de ultracorreção, ou seja, excessiva diferenciação dos fonemas, consoante já foi frisado nesta seção: o indivíduo, preocupado em grafar "e" em lugar de "i" em posição final de vocábulo, teria incorrido em erro.

De qualquer forma, outra explicação para o fator ou fatores que contribuíram para esses resultados parecem ultrapassar os propósitos desta pesquisa.

Comparando os resultados do presente estudo com os do EB (p. 111-5), conclui-se que, respeitadas as discrepâncias apontadas, em ambos os estudos as incidências apresentam proporções pouco consideráveis.

A tabela 33, com percentuais de alguma forma expressivos, arrola erros de permuta relacionados com a grafia das consoantes nasais. Segundo Bisol et alii (1975, p. 158), esses erros podem ter duas justificativas: daí a designação de ambígua. Assim, as trocas podem ser ocasionadas por razões de ordem fonética ou por confusões devidas à forma gráfica das letras. Do ponto de vista fonético, as consoantes "n" e "m", de acordo com os autores supracitados, podem trazer dificuldade aos alfabetizando, pois, além de partilharem de certas propriedades em comum, o que dificulta a distinção, essas consoantes apresentam alofones condicionados pelo ambiente como se verifica em posição pós-vocálica, os quais não têm representação no sistema alfabético, não obstante possuírem uma articulação diferenciada.

Do ponto de vista da escrita, a semelhança formal entre "m" e "n" poderá originar confusões no processo da alfabetização (Amorim, 1972, p. 91-9).

O confronto dos resultados do EB (p. 115-7) com os do presente estudo, evidencia uma aproximação nos percentuais das duas pesquisas, bem como entre os sujeitos dos diversos grupos que

serviram de amostra. Tal fato pode ser indicativo de que esses erros não refletem problema de interferência de uma segunda língua, espelhando, isto sim, uma particularidade da língua materna.

Concluindo esta breve discussão sobre os erros de permuta, poder-se-ia sintetizar os principais aspectos nos seguintes termos:

De um lado, há indícios de que o contato do Espanhol com o Português repercute negativamente na aprendizagem da escrita;

De outro, as vicissitudes ortográficas peculiares à Língua Portuguesa, vinculadas às realizações orais da mesma constituem fatores de embaraço na aquisição do código escrito.

## V - CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

### A - CONCLUSÕES

Considerando os resultados do presente estudo, poder-se-iam formular as seguintes conclusões:

#### 1 - COM RELAÇÃO AO INSTRUMENTO

a - O instrumento utilizado revela-se, à semelhança do que ocorreu no EB, capaz de, em contextos diversos, detectar problemas de ortografia.

b - Não obstante a adequação do instrumento para evidenciar dificuldades ortográficas, observou-se que, para os propósitos desta pesquisa, ressentiu-se (o instrumento) da ausência de elementos (ex. a falta de /z/) que poderiam ser pertinentes para o estudo do contato entre o Português e o Espanhol. Tal circunstância deve-se ao fato de o estudo fazer uso do nível mais baixo da escala ortográfica, apenas.

#### 2 - COM RELAÇÃO AOS RESULTADOS GERAIS

a - Da análise do percentual das palavras escritas (tabela 1), das letras que compõem as palavras que deixaram de ser escritas (tabela 2), das palavras que apresentam maior índice de erros (tabela 3), é possível constatar discrepâncias no que concerne ao desempenho dos sujeitos deste estudo e o daqueles grupos da pesquisa de Bisol et alii (1975), os quais apresentam, em geral, melhor desempenho.

b - Com base nos resultados gerais, não é possível evidenciar qualquer fator concernente à interferência de uma segunda língua.

c - O elevado número de palavras em branco poderia ser atribuído a variáveis não controladas pela pesquisa, a exemplo, um menor grau de alfabetização dos sujeitos da amostra.

### 3 - COM RELAÇÃO AOS ERROS DE APAGAMENTO

a - São significativos os escores apresentados no que concerne a erros por omissão de letras, tendo os sujeitos deste estudo ultrapassado, em termos gerais, os índices atingidos pelos sujeitos do EB, onde a equipe constatou uma leve diferença a favor dos bilíngües.

b - Quanto a apagamento de consoantes, observa-se que é na posição pós-vocálica que se registra um maior número de omissões, enquanto há uma tendência a não se apagarem aquelas consoantes em posição pré-vocálica. Semelhante comportamento também pode ser verificado nos sujeitos do EB.

c - Concernentemente às vogais, enquanto na posição inicial de palavra, o percentual mantém-se baixo, tanto em relação às átonas quanto em relação às tônicas, o apagamento da vogal no fim do vocábulo é mais expressivo na posição tônica do que na posição átona. Neste particular, os sujeitos do EB (monolíngües ou bilíngües) apresentam um índice maior de apagamento na posição átona, seja no início ou no fim da palavra.

d - Quanto à omissão da vogal no interior da palavra, os maiores índices de apagamento referem-se à posição postônica. Tal acontece também com os sujeitos do EB.

e - Relativamente ao apagamento de vogais abertas e fechadas, observa-se que as omissões incidem tanto numas quanto noutras.

f - Dentre as letras que representam consoantes, os maiores índices de omissão ocorrem com símbolos de valor fonológico múltiplo ("r", "n", "s", "x", "l", "c").